

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LARA OLIVEIRA SOARES

Energias feminina e masculina no tiktok: binarismo de gênero no contexto neoliberal

Uberlândia

2025

LARA OLIVEIRA SOARES

Energias feminina e masculina no tiktok: binarismo de gênero no contexto neoliberal

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Psicologia da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Psicologia

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. João Fernando Rech
Wachelke

Co-orientadora: Prof. Ms. Amanda Borba
Ramos Silva

Uberlândia

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S676 Soares, Lara Oliveira, 1999-
2025 Energias feminina e masculina no tiktok: binarismo de
gênero no contexto neoliberal [recurso eletrônico] /
Lara Oliveira Soares. - 2025.

Orientador: João Fernando Rech Wachelke .
Coorientador: Amanda Borba Ramos Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em
Psicologia.
Modo de acesso: Internet.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia. I. , João Fernando Rech Wachelke,1982-
, (Orient.). II. Silva, Amanda Borba Ramos,1991-
(Coorient.). III. Universidade Federal de Uberlândia.
Graduação em Psicologia. IV. Título.

CDU: 159.9

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

Energias feminina e masculina no tiktok: binarismo de gênero no contexto neoliberal

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Psicologia da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Psicologia

Área de concentração: Psicologia Social

Uberlândia, 2025

Banca Examinadora:

Profa. Ms. Fernanda Yukari Oliveira Utumi – Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Profa. Ms. Priscilla Martins Dornelas – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. João Fernando Rech Wachelke – Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Presidente da Banca

AGRADECIMENTOS

Escrever e apresentar esse trabalho em grande medida é me despedir de um caminho muito importante, que só pôde ser trilhado pela diversidade de gente e afeto que me sustentaram. É amplo demais para caber aqui, mas sei que para além do texto tenho muita carne e osso para abraçar e agradecer onde a palavra não chegar.

Agradeço primeiramente à minha mãe, por toda confiança e suporte. Por olhar para minhas aspirações com respeito e carinho e ter segurança em apontá-las como possíveis. Por acreditar em mim antes mesmo de mim.

À toda minha família, em especial à minha mãe, minha avó Célia, meu pai e meu padrasto, por todos esses anos sendo a base para que eu pudesse apresentar este trabalho e finalizar minha graduação. Nada disso seria possível sem vocês. À minha avó Ceres e minha bisavó Gersa, que não estão mais aqui e que apesar de se despedirem no meio desse caminho, também o compuseram. À minha tia Kátia, pelo tanto de livros, músicas e ideias compartilhadas. À minha irmã, Carolyne, por tudo de força, acalanto, colo e companheirismo que me foram ofertados durante esse processo. Aos meus irmãos mais novos e aos meus sobrinhos.

Aos meus colegas de graduação e aos meus amigos, em especial Luizas, Guilherme e José, que não só oxigenam cotidianamente minha curiosidade e vontade de continuar estudando, mas principalmente me dão sentido para tudo isso, me lembrando que dá para escolher um pouco do que ser e de como viver.

À minha analista por me ajudar a dar lugar para umas coisas, abrir espaço para outras e caminhar por onde aponta meu desejo.

Agradeço ao Instituto de Psicologia da UFU, que marcou em mim o compromisso da psicologia como prática ética e política.

E por fim, à minha orientadora, que ao longo desse processo ampliou meus estudos, afinou meu olhar e minha escrita e que, com serenidade e sensibilidade, soube acolher minhas angústias e orientá-las por um caminho possível.

RESUMO

No contexto neoliberal, em que os sujeitos são constituídos e direcionados a partir da razão mercadológica, os debates de gênero são interpelados e direcionados para fins econômicos. Um exemplo notável é a noção de empoderamento feminino, que aliada ao ideal de empreendedorismo, posiciona mulheres como agentes da agenda desenvolvimentista. Assim, chama atenção a popularização de conteúdos nas redes sociais, em especial no TikTok, que enaltecem papéis tradicionais de gênero, reforçando o ambiente doméstico como espaço privilegiado e natural da mulher. Diante disso, o trabalho se justifica pelo papel central das redes sociais na produção e reprodução de discursos de poder com amplas implicações políticas, bem como pela necessidade de explorar os mecanismos pelos quais o binarismo de gênero é reafirmado no discurso neoliberal. A partir disso, têm-se como objetivo analisar como o discurso de uma criadora de conteúdo do TikTok, no neoliberalismo, promove a normatização do binarismo de gênero por meio da ideia de energia feminina e masculina. Por meio da pesquisa documental, este estudo selecionou um perfil do TikTok como fonte de dados, empregando a Análise de Conteúdo Temática como referencial metodológico para sua interpretação. Assim, cinco temas foram construídos: Naturalização/Biologização do binarismo de gênero; Binarismo de gênero e constituição familiar heterossexual; Feminilidade como condição de possibilidade da masculinidade; Controle do corpo a partir de práticas de assujeitamento e; A mulher, o feminino e o feminismo. Ao interrogar criticamente as estratégias discursivas adotadas pela criadora de conteúdo, este estudo investiga as contingências históricas e as dinâmicas de poder que sustentam seu discurso, desafiando, assim, a naturalização do sistema sexo-gênero e a arbitrariedade dos papéis binários que o estruturam. Além disso, os achados indicam que o neoliberalismo instrumentaliza o binarismo de gênero para consolidar sua legitimidade política, estabelecendo uma aliança com o neoconservadorismo que prioriza o modelo tradicional de família. Nesse sentido, a posição da influenciadora se alinha à racionalidade neoliberal tanto como empreendedora, monetizando sua presença digital, quanto como agente da consolidação ideológica dessa aliança, exercendo influência sobre seu público.

Palavras-chave: binarismo de gênero; tecnologias de gênero; papéis de gênero; neoliberalismo; neoconservadorismo; TikTok.

ABSTRACT

In the neoliberal context, in which subjects are constituted and directed by market-driven rationality, gender debates are intercepted and redirected toward economic ends. A notable example is the notion of female empowerment, which, when combined with the ideal of entrepreneurship, positions women as agents of the developmental agenda. In this regard, the popularization of content on social media, particularly on TikTok, is noteworthy, as it extols traditional gender roles, reinforcing the domestic sphere as the privileged and natural domain of women. Based on this, the study aims to analyze how the discourse of a TikTok content creator, in neoliberalism, promotes the normalization of binary gender roles through the idea of feminine and masculine energy. The study is justified by the central role of social media in the production and reproduction of power discourses with broad political implications, as well as the necessity of examining the mechanisms through which gender binarism is reaffirmed in neoliberal discourse. Through documentary research, this study selected a TikTok profile as a data source, employing Thematic Analysis as the methodological framework for its interpretation. Thus, five themes were constructed: Naturalization/Biologization of gender binarism; Gender binarism and the constitution of the heterosexual family; Femininity as a condition for the possibility of masculinity; Body control through practices of subjugation; and The woman, the feminine, and feminism. By critically questioning the discursive strategies adopted by the content creator, this study investigates the historical contingencies and power dynamics that sustain her discourse, thereby challenging the naturalization of the sex-gender system and the arbitrariness of the binary roles that structure it. Moreover, the findings indicate that neoliberalism instrumentalizes gender binarism to consolidate its political legitimacy, establishing an alliance with neoconservatism that prioritizes the traditional family model. In this sense, the influencer's position aligns with neoliberal rationality both as an entrepreneur, monetizing her digital presence, and as an agent of the ideological consolidation of this alliance, exerting influence over her audience.

Keywords: gender binarism; gender technologies; gender roles; neoliberalism; neoconservatism; TikTok.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Quadro auxiliar 1.....	45
Tabela 2 -	Quadro auxiliar 2.....	60

SUMÁRIO

1. Introdução	1
1.1 Neoliberalismo: economia moral, subjetivação de mercado	2
1.2 Problemas de gênero e mulheres no neoliberalismo	5
1.3 TikTok no projeto neoliberal	8
2. Objetivos	12
3. Metodologia	13
4. Resultados	15
5. Discussão	21
5.1 Naturalização/biologização do binarismo de gênero	21
5.2 Binarismo de gênero e constituição familiar heterossexual	25
5.3 Feminilidade como condição de possibilidade da masculinidade	29
5.4 Controle do corpo a partir de práticas de assujeitamento	31
5.5 A mulher, o feminino e o feminismo	33
6. Considerações Finais	37
7. Referências bibliográficas	39
8. Notas de Rodapé	44
Anexos	45

1. Introdução

Este trabalho parte de uma inquietação a respeito da **proliferação, nas redes sociais, de conteúdos que reforçam estereótipos binários de gênero, voltados principalmente para as funções historicamente designadas às mulheres**. De uma perspectiva crítica, entende-se que o **imperativo neoliberal, do sujeito enquanto empreendedor de si mesmo, faz ocultar no discurso os trabalhos doméstico e de cuidado que o sustenta, trabalhos estes realizados predominantemente por mulheres (Ribeiro & Heinen, 2023)**.

Considerando esse contexto, chama a atenção que, **movimentos políticos e sociais que contestam a opressão de gênero** decorrente da naturalização desses papéis, como os feminismos, têm perdido espaço para contrapartidas conservadoras, que buscam resgatar força e legitimidade no campo social para a hierarquia baseada no sistema **sexo-gênero**.

Gill (2016) implementa a noção de **pós-feminismo, como uma categoria analítica que se refere ao desmantelamento do feminismo, observado na cultura contemporânea a partir da ênfase no individualismo, na escolha e na agência como modos dominantes de explicação para as questões relacionadas a gênero; do desaparecimento ou esmaecimento do vocabulário político para se referir a desigualdades estruturais; na “reterritorialização” do patriarcado sobre o corpo das mulheres a partir da indústria da beleza; na intensificação das formas de vigilância, monitoramento e disciplina sobre os corpos das mulheres; e na transformação da subjetividade de mulheres a partir da lógica pós-feminista**.

Assim, **contra a ideia de que as pautas do feminismo já foram alcançadas, o conceito de pós-feminismo serve à investigação de como a misoginia e o sexism persistem na contemporaneidade (Matos, 2017)**. Nesse sentido, partindo de discursos disseminados nas redes sociais, pretende-se investigar o binarismo de gênero em seu

entrelaçamento com o neoliberalismo. Para isso, parte-se do desenvolvimento da compreensão de neoliberalismo adotada pelo trabalho, seguido da discussão a respeito da naturalização do binarismo de gênero e, por fim, da exploração do Tik Tok como veículo de disseminação da problemática apresentada.

1.1 Neoliberalismo: economia moral, subjetivação de mercado

O neoliberalismo surge nos anos 1930, no final da Segunda Guerra, tendo como principais expoentes os austríacos von Mises e Friedrich Hayek, junto ao norte-americano Milton Friedman. O grupo em torno desses teóricos contrapunha-se ao Estado de Bem-Estar keynesiano e social-democrata, assim como à política estadunidense do New Deal, o que deu origem à elaboração de seu projeto econômico e político. Esse projeto **criticava o Estado em sua função social e reguladora das atividades do mercado, afirmando que esse modelo destruía a liberdade dos indivíduos e a competição** (Chauí, 2020).

O projeto neoliberal **ganha força com a chamada Escola de Chicago, no início dos anos 70**, quando o grupo passa a explicar a crise de estagflação em curso naquele então. **Segundo sua perspectiva, as baixas taxas de crescimento econômico junto a altas taxas de inflação, se deram em razão do poder excessivo dos sindicatos e das conquistas dos movimentos operários, como o aumento salarial e o aumento dos encargos sociais do Estado.** Assim, a **proposição dada pela Escola de Chicago seria a abolição dos investimentos estatais na produção, a abolição do controle estatal sobre o fluxo financeiro, legislação antigreve e vasto programa de privatização** (Chauí, 2020).

Diante disso, **o projeto econômico neoliberal parece valer-se de uma limitação da intervenção do Estado. No entanto, seria superficial analisá-lo sob esses termos.** Como propõe Foucault (2008), o Estado não é um universal e não possui uma essência em si mesmo, sendo, na verdade, o efeito de regimes múltiplos de governamentalidade, conceito explorado a

seguir. E é nesse sentido que o projeto econômico em questão diferencia-se do liberalismo clássico, por demandar, na verdade, um Estado vigilante e intervencionista, na direção de garantir, acima de tudo, a concorrência para o mercado (Foucault, 2008).

Preconiza-se nesse projeto não a extinção do Estado, mas uma forma de Estado capaz de despolitizar a sociedade, a partir da intervenção política na luta de classes, com fins de extinguir os entraves sociais da economia. Portanto, o neoliberalismo é uma forma de intervenção social nas próprias dimensões produtoras de conflito, que pretende eliminar, sobretudo, os conflitos que colocam em questão a gramática de regulação da vida social (Safatle, 2022).

Essa intervenção pode ser compreendida a partir da noção de **razão governamental**, a partir da qual Foucault (2008) expõe como as ações de um Estado se dão a partir de tipos de racionalidade específicas que, ao embasar sua atividade, incidirá sobre a conduta dos sujeitos. Isto é, não é a instituição Estado por si só que ao intervir determina uma sociedade (enquanto aquela que é dirigida), mas a racionalidade que o rege (é dirigida para certos fins e a partir de certas premissas). No caso da governamentalidade neoliberal, então, a partir de um ideal empresarial dos sujeitos, são estabelecidas as estratégias que formalizam a sociedade com base no modelo de empresa. Safatle (2022), aponta essa racionalidade como precursora de um trabalho de subjetivação que internaliza predisposições psicológicas

[...] visando à produção de um tipo de relação a si, aos outros e ao mundo guiada através da generalização de princípios empresariais de performance, de investimento, de rentabilidade, de posicionamento, para todos os meandros da vida. Dessa forma, a empresa poderia nascer no coração e na mente dos indivíduos (Safatle, 2022, p. 30).

Desde uma perspectiva foucaultiana, da Silva, Pestana, Andreoni, et al. (2022) reiteram como **o neoliberalismo, nos moldes de uma episteme, atua na produção de**

saberes e veicula-se através de dispositivos e instituições. Assim, entende-se que ao articular politicamente discursos e práticas de socialização, o neoliberalismo não somente **submete os sujeitos ao seus princípios, mas sobretudo, produz modos de subjetivação consonantes a essa configuração social.** Ao delinear a maneira de conhecer, pensar, sentir e se relacionar socialmente, entende-se tais discursos e práticas como **matrizes psicológicas da episteme neoliberal** (da Silva, Pestana, Andreoni, et al., 2022).

Nesse sentido, **sob a racionalidade neoliberal, os ideais centrais da democracia moderna, de igualdade e liberdade universais, são interpelados e modificados.** Assim como o Estado, **passam por uma economicização, perdendo sua validade política: a liberdade reduz-se ao direito de empreender, enquanto a igualdade restringe-se ao lugar-comum para competir. Os sujeitos devem aprimorar seu capital (a si mesmos) aos moldes de uma empresa, mas principalmente investi-lo na – ou em forma de – iniciativa privada, o que levará aos retornos sociais, já que o sucesso das empresas é o sucesso da nação** (Brown, 2018).

Em resumo, **como aponta Brown (2018), o neoliberalismo promete falsamente a emancipação dos indivíduos em relação à regulamentação e intervenção estatais, ao mesmo tempo em que os consegue às necessidades, trajetórias e contingências do mercado privado. O efeito disso seria, para a autora, a produção de indivíduos isolados e desprotegidos, vulneráveis às vicissitudes do capital.**

Com isso, **o cidadão neoliberal, à medida que se dedica ao aprimoramento de si, sob a falsa pretensão de liberdade para si, compromete-se discursivamente com o bem-estar geral**, o que demanda o sacrifício em prol do crescimento econômico, o que Brown (2018) **chama de discurso de sacrifício moralizado**. Paralelo a isso, Safatle (2022) propõe a **ideia de uma “economia moral”**, para explicitar o meio pelo qual o discurso neoliberal **reduz os espaços de deliberação e a esfera do político, colocando todo**

questionamento feito às suas premissas e ao seu funcionamento na condição de uma falta moral. Há, então, uma paralisação da crítica através da mobilização massiva de discursos psicológicos e morais.

Com isso, toda uma massa de indivíduos é coagida a um mesmo modo de pensar, aos mesmos valores, aspirações, modos de se relacionar. Reduz-se os espaços que sustentem o desencontro e as diferenças como oportunidade de reflexão e criação, **perde-se o coletivo como possibilidade de articulação das diferenças e fortalecimento do comum, extingue-se o fazer político. Sob essa gramática, Foucault (2008) propõe que os indivíduos passam a ser concebidos como *homo economicus*. Esse é um tipo específico de sujeito, guiado por inclinações econômicas: renda, herança, mérito, e trabalho delineiam seu modo de ser** (Rosa, 2019).

Diante desses pontos, portanto, **o presente trabalho adota uma abordagem do neoliberalismo pela via da reflexão política, o que, conforme Dardot e Laval (2016), permite desmistificar a caracterização do neoliberalismo a partir da oposição entre mercado e Estado. Nessa perspectiva, o neoliberalismo, para além de um modelo econômico, é um sistema normativo hegemônico, que estende a lógica do capital a todas as relações sociais e esferas da vida (Dardot & Laval, 2016). Valendo-se das matrizes psicológicas de seus fundamentos, os dispositivos de subjetivação neoliberais primam pela formação de um horizonte comum: o sucesso mercadológico. Dessa forma, o Estado não precisa intervir para a proteção do livre mercado, pois ele é em si o regulador da vida.**

1.2 Problemas de gênero e mulheres no neoliberalismo

Neste tópico, pretende-se explorar o debate de gênero, a partir das perspectivas de Teresa de Lauretis e de Judith Butler, e situá-lo no contexto do neoliberalismo. Para isso,

parte-se da problematização da compreensão do gênero enquanto derivado direto da diferença sexual, para em seguida propor uma compreensão dessa categoria enquanto uma tecnologia política de regulação social, a qual constrói a própria diferença sexual como natureza. No avesso dessa compreensão, será lançada luz sobre o pressuposto universalista dos sujeitos neoliberais, bem como sobre o esvaziamento dos feminismos em favor da ideia de empreendedorismo como emancipação feminina.

As produções e intervenções feministas das décadas de 1960 e 1970 são marcadas, como aponta Lauretis (1987), por um embasamento da **compreensão de gênero como diferença sexual**. Por isso, **suas práticas e discursos culminam no delineamento de espaços gendrados, isto é, configurados pelas especificidades de gênero**, como por exemplo mídias feministas, grupos de mulheres, cultura da mulher, escrita feminina, feminilidade, entre outros. **Assim, o pensamento feminista torna-se limitado ao permanecer ligado aos termos do patriarcado, ainda que por oposição conceitual (Lauretis, 1987).**

Consonante à essa limitação, Butler (2018) conclui que o sujeito feminista se revela discursivamente constituído pelo próprio sistema político ao qual conclama emancipação, pois que sua própria representação política e linguística delimita a priori o critério a partir do qual será formado. Essa representação, ao mesmo tempo em que tem o potencial de estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos, também pode ter o efeito de uma função normativa de linguagem que revela ou distorce o que é tido como verdadeiro na categoria das mulheres, de forma que adotar sua categoria como forma de contraposição seria justamente fortalecer aquilo do que procura se emancipar (Butler, 2018).

A concepção binária hegemônica de masculino e feminino como categorias complementares e mutuamente excludentes, forma um sistema simbólico que relaciona o

sexo biológico a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais. Esse sistema é, para além de uma construção social, **um aparato semiótico, que atribui significados de identidade, valor, prestígio, status, posição de parentesco, etc.** Assim, o fato de alguém ser representado como masculino ou feminino dá notícias desses atributos, sendo a construção do gênero tanto o produto quanto o processo de sua representação (Lauretis, 1987).

Butler (2018), em problemas de gênero, alarga esse pensamento ao propor o próprio corpo enquanto uma construção: ou seja, a construção de marcas de gênero reconhecíveis nos corpos, constitui o domínio dos sujeitos que atendem a esses critérios. Assim, o gênero não é compreendido como mera interpretação de uma biologia dada, estando para a cultura como o sexo está para a natureza, mas designa o próprio meio através do qual o “sexo natural” é produzido e estabelecido como anterior a cultura: “(...) uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura.” (Butler, 2018, p. 22).

Propõe-se, então, a desimbricação entre gênero e diferença sexual, que embasa um sujeito único e dividido, em favor da constituição de um sujeito feminista múltiplo e contraditório. Para isso, conforme Lauretis (1987), propõe-se pensar gênero partindo da perspectiva foucaultiana de sexualidade. Nesse sentido, **o gênero pode ser compreendido como o conjunto de efeitos, de tecnologias políticas, produzido em corpos, comportamentos e relações sociais.**

Lauretis (1987) reitera que a **construção de gênero está se efetuando ainda hoje, não somente nos aparelhos ideológicos do Estado, mas também na academia, na comunidade intelectual, nas práticas artísticas de vanguarda, nas teorias radicais e até mesmo no feminismo.** Assim, como construção em curso, é pertinente debruçar-se sobre a situação não só do debate, mas das experiências *gendradas* no contexto neoliberal.

Como desenvolvido no tópico anterior, o neoliberalismo nega o espaço político da contestação, deliberação e mobilização de grupos de interesse sobre as normas (Mencato, 2022). **A ideia do sujeito neoliberal, como capital humano, é destituída de gênero, sexualidade, raça e demais posições subjetivas. No entanto, essa configuração interpela-se com poderes de estratificação, marginalização e estigmatização, reafirmando-os, já que os mercados desregulamentados tendem a reproduzir os poderes e a estratificação sociais produzidos historicamente (Brown, 2018).**

Assim, conforme citado por Mencato (2022), para Brown (2015), **a liberdade proposta pela racionalidade neoliberal compõe novas formas de subordinação de gênero, também ancoradas sobre as diferenças sexuais.** De forma exemplar, as mulheres continuam a ser as principais provedoras de trabalho de cuidado não remunerado e mal apoiado fora do mercado e cada vez mais responsáveis financeiramente por elas e seus familiares.

Paralelo a isso, conceitos feministas como agência, escolha e empoderamento têm sido cooptados pelo discurso neoliberal e esvaziados de seu sentido político, acomodando mulheres dentro das ordens sociais e de gênero existentes, isto é, colocando-as para agir em favor do desenvolvimento e em nome da categoria mulher. O empoderamento, nesses termos, perde seu potencial de confronto com as relações sociais de poder, em favor de uma representação de mulheres como um instrumento para assegurar a agenda desenvolvimentista (Cornwall, 2018).

Diante desses pontos, fica evidente **a ancoragem do neoliberalismo sobre o binarismo de gênero, junto a primazia do masculinismo, já que seu pressuposto universalista perpetua o apagamento discursivo de relações de poder que, no entanto, permanecem se reproduzindo. Ou seja, em prol da manutenção da ilusão de igualdade que sustenta a lógica da concorrência de mercado, a contestação em torno das diferenças marcadas nas hierarquias de poder é sufocada.** Ainda que tenha procurado incluir a

categoria mulher em sua agenda, esta é reconhecida enquanto uma possibilidade de mercado, e é ao aderir a ela que torna-se legitimada, como uma barganha que, efetivando-se reitera o sistema binário sexo-gênero.

1.3 TikTok no projeto neoliberal

O neoliberalismo situa-se junto à era da chamada Web 2.0, marcada pelo desenvolvimento de redes sociais cada vez mais dinâmicas, que propõe uma interação entre editor e audiência. Os usuários, na Web 2.0, tornaram-se ao mesmo tempo consumidores e autores de informações, reconfigurando a dinâmica de comunicação social, que com a consolidação desse formato e alcance crescente de pessoas, se dá a partir de referências cada vez mais pessoais, em maior quantidade e descentralizadas de grandes sites ou instituições (Pinheiro, 2022).

Dentre as principais empresas, que oferecem sites e aplicativos para dispositivos móveis no espaço virtual, propõe-se um **enfoque ao aplicativo TikTok, lançado originalmente na China pela ByteDance. O aplicativo é emblemático por sua alta adesão após a pandemia do Coronavírus e caracteriza-se por seus vídeos curtos, de no máximo 10 minutos, sendo que os mais populares são as chamadas trends, geralmente de poucos segundos (Drummond, 2023).**

Com fins de dimensionar sua influência, segundo dados do DataReportal, a partir das ferramentas de publicidade de autoatendimento da empresa, reporta-se que os profissionais de marketing poderiam alcançar 1,092 bilhão de usuários com 18 anos ou mais em abril de 2023. Além disso, ainda segundo o DataReportal, baseado em análises de dados provenientes das próprias ferramentas e recursos do TikTok e nas declarações da ByteDance, 53,4% dos usuários globais são mulheres e 46,6%, homens. No Brasil, por sua vez, há cerca de 84,1

milhões de usuários ativos no aplicativo com 18 anos ou mais.¹ Diante desses dados, nota-se a relevância da rede, em um contexto em que o cotidiano é permeado pelo digital.

Conforme o site oficial do TikTok, sua missão é inspirar criatividade e trazer alegria ao usuário. A partir da aba “Academia de Criadores” na plataforma, é oferecido um passo a passo de como tornar-se um criador de conteúdo, desde como começar, passando por diretrizes do aplicativo, recursos, dicas de criação e monetização. Na seção de recursos, o site apresenta ferramentas disponíveis para o aprimoramento da produção de vídeos e de engajamento, monitoramento de desempenho, além de sugerir o aplicativo como plataforma de pesquisa.²

Ao mesmo tempo em que cria-se um espaço para a expressão da criatividade, de opiniões e de interações coletivas, as redes sociais possuem potencialidades políticas e a maneira com que são arquitetadas dizem de seu potencial mais ou menos democrático (Kleina, 2020). Com sentenças como “Edite como um profissional”, essa categoria é emblemática para evidenciar o esmaecimento do limite entre consumidor e produtor de conteúdo, bem como entre entretenimento e informação.

Sobretudo, evidencia-se como o aplicativo, enquanto plataforma disponível para o marketing de grandes empresas e influenciadores, e também para a produção de conteúdo pelos usuários, promove uma ilusão de igualdade que alia-se à ideia de empreendedorismo disseminada pelo neoliberalismo. Isto é, a falsa ideia de que há um ponto de partida semelhante a partir do qual se trava uma concorrência útil e justa em direção ao sucesso, que na plataforma traduz-se no maior engajamento possível como chance de monetização. A responsabilidade individual para o sucesso, cara ao neoliberalismo, é marcada aqui pela dependência da criatividade e produção do usuário.

Além disso, a variedade e quantidade de criadores, tipos e formato de conteúdo delineia num **primeiro momento a imagem de um ambiente plural, da coexistência de**

discursos e da possibilidade de conversa entre eles. No entanto, a plataforma é arquitetada para um consumo selecionado, a partir de sua ferramenta “Para você” :

O Para você é um feed personalizado de vídeos com base em seus interesses e engajamento. O feed Para você é o primeiro feed que você verá ao abrir o TikTok. Temos uma grande variedade de conteúdo e queremos mostrar os vídeos mais interessantes e relevantes para todos. Quanto mais você usa o TikTok, melhor o feed Para você se torna na recomendação de vídeos e na descoberta de criadores que você adora.³

Com fins de aumentar a rentabilidade da plataforma, investe-se não apenas em designs mais atrativos e neurologicamente viciantes, mas também em algoritmos, que são um conjunto de instruções introduzidas em um sistema computacional, com a finalidade de determinar, com a maior precisão possível, os interesses de cada usuária. Esses interesses são identificados através de uma extensa coleta de dados, seja pela seleção de interesses requerida pelo aplicativo ou pelas informações fornecidas ao criar uma conta. **Assim, o algoritmo direciona vídeos, de forma personalizada, para cada usuário, na sua página “para você”** (Mesquita, 2023).

Retomando a ideia do uso das redes como uma performatividade, nos termos de Butler, entende-se que seu potencial político, a partir do isolamento de ideias em detrimento da deliberação, é de despolitização: a medida em que o interesse de cada pessoa é direcionado, não só seu feed personalizado torna-se cada vez mais afunilado em torno do mesmo viés, como o “você” mesmo da pessoa torna-se cada vez mais constituído a partir e em favor desse feed.

À medida em que conteúdos de redes sociais agora são considerados um tipo de mercadoria a ser comercializada dentro das políticas das plataformas (Kleina, 2020), o TikTok torna-se então um terreno fértil para o sujeito enquanto empreendedor de si mesmo. Tal

afirmação é consonante à compreensão das redes sociais como dispositivos da governamentalidade neoliberal, que operam através da performatividade subjetiva e da estrutura descentralizada, junto à exploração comercial (Castro, 2016), razão pela qual essa rede foi escolhida como possível campo de investigação para este trabalho.

Com isso, uma influenciadora do Tik Tok⁴ e foi selecionada como fonte de análise, em razão do tipo de conteúdo promovido em seu perfil, em que trata sobre energia feminina e energia masculina, estando diretamente ligado ao tema de interesse da pesquisa. Embora a rede contenha diversos vídeos a esse respeito, ela se destaca pelos números de seguidores (597,6 mil) e curtidas (20,5 milhões), o que aponta para um largo alcance e para sua relevância neste nicho temático na plataforma. Além de que, como citado no tópico anterior, a interpelação do neoliberalismo sobre a posição das mulheres, ao propor emancipação através do empreendedorismo, também torna este um perfil sugestivo, tratando-se de uma mulher, monetizada pela plataforma, que aborda justamente papéis de gênero em seu conteúdo.

As pontuações desenvolvidas até aqui pretendem estabelecer um ponto de partida para investigar como o neoliberalismo fomenta papéis binários de gênero. Assim, foi possível delinear o neoliberalismo enquanto uma política governamental que homogeneiza modos de ser e de se relacionar, estabelecendo uma ordem econômica em todos os aspectos da vida. Em seguida, foi feita uma discussão sobre as estruturas binárias de gênero, problematizando a naturalização das diferenças sexuais junto ao pressuposto universal do sujeito econômico neoliberal, como matrizes da manutenção da opressão de gênero. **Por fim, entendendo que a governamentalidade operacionaliza-se através de dispositivos, o TikTok foi compreendido como um dispositivo neoliberal pertinente, constituindo-se como possível campo de investigação acerca das produções de gênero que circulam em sua plataforma.**

2. Objetivos

Objetivo Geral

I. Analisar como o discurso de uma criadora de conteúdo do Tiktok, no neoliberalismo, promove a normatização do binarismo de gênero.

Objetivos Específicos

- I. Compreender o binarismo de gênero em sua atualidade discursiva;
- II. Identificar marcadores neoliberais presentes no discurso binário de gênero;
- III. Identificar a ideologia de gênero presente no discurso de uma tiktoker monetizada;
- IV. Explorar a dimensão educativa do conteúdo produzido pela tiktoker.

3. Metodologia

Para esse estudo, optou-se pela **pesquisa qualitativa, a partir do método da Análise Documental**. Para Cellard (2012), o documento é essencial por permanecer como testemunho de atividades particulares ocorridas num passado, o que permite acrescentar a dimensão do tempo à análise do social, além de favorecer a observação do processo de desenvolvimento de indivíduos, grupos, conceitos, práticas, etc.

Para tratar os dados gerados pelos documentos, articulou-se a Análise Documental à Análise de Conteúdo Temática, que consiste na decomposição do discurso em unidades de análise ou grupo de representação, o que possibilita a reconstrução dos significados e assim, uma compreensão mais profunda da interpretação de realidade do grupo estudado. Essa técnica viabiliza tanto a verificação de afirmações pré-estabelecidas, como a investigação do que está por trás de conteúdos manifestos (Paiva, Oliveira & Hillesheim, 2021).

Considerando-se documento todos os registros de um passado distante ou recente (Cellard, 2012), foi escolhido como fonte um perfil monetizado no aplicativo Tik Tok, plataforma caracterizada anteriormente.

A partir dos objetivos do trabalho, o perfil foi escolhido devido ao conteúdo produzido pela influenciadora, que trata diretamente sobre questões de gênero. Pautados na temática de “energia feminina” e “energia masculina”, seus vídeos desenvolvem-se a partir de prescrições sobre como ser uma mulher feminina, como identificar e conquistar um homem masculino, dicas e conselhos sobre configurações relacionais baseadas em papéis de gênero e opiniões sobre as representações e compreensões do ser mulher e/ou homem. Além disso, entende-se que na contemporaneidade o visual e a mídia desempenham papel importante nas relações sociais, políticas e econômicas (Gaskell, 2000), de forma que o largo alcance desse conteúdo, visto nos seus números de interações, visualizações e seguidores, o tornam uma fonte relevante de análise.

Como apresentado por Souza (2019), a Análise de Conteúdo Temática passa por seis etapas principais. A primeira é a familiarização com os dados, em que estes são transcritos, lidos e relidos, no intuito de suscitar ideias iniciais durante o processo. Em seguida, têm-se a codificação, em que pretende-se identificar nos dados aspectos de seu conteúdo latente ou semântico, a fim de organizá-los em unidades de análise que servirão à próxima etapa. Esta consiste na busca por temas, em que os códigos gerados são reunidos com base na sua proximidade de sentido. Depois, esses temas são revisados e refinados, buscando sua definição e nomenclatura, e também uma relação de sentido entre os temas. Por fim, é produzido um relato científico da análise, utilizando exemplos vívidos que dialoguem com a pergunta de pesquisa e a literatura.

Assim, foi feita uma imersão nos conteúdos publicados no perfil de janeiro de 2020 a dezembro de 2023, a partir da qual selecionou-se 78 vídeos, com duração média de 3 minutos,

tendo como critério a pertinência do conteúdo junto aos objetivos da pesquisa. Em seguida foram feitas as transcrições, as quais foram revisadas e relidas de forma exaustiva, possibilitando a familiarização com os dados e a construção de ideias iniciais para as etapas seguintes.

Com isso, iniciou-se a geração de códigos iniciais. Ainda que os dados sejam colocados também de forma expositiva, nessa fase preconiza-se as interpretações, sínteses e inferências feitas pelo pesquisador, propondo a composição de novas formas de compreender os fenômenos observados (Sá-Silva, de Almeida & Guindani, 2009). Por isso, antes da definição final dos temas, o tratamento dos dados passou por revisões sucessivas, como a retomada ao banco de dados, rearranjo dos códigos, criação de novos códigos e exclusão de outros. Por fim, eles foram aglutinados de acordo com sua representatividade e proximidade de uma mesma ideia, compondo os temas.

Os temas, embora organizados por último, foram pensados desde o processo de transcrição, em que categorias iniciais foram estabelecidas para organizar os dados. Assim, as etapas seguintes direcionaram a alteração ou permanência desses temas, assim como a criação de novos. Nesse percurso, foram gerados o Quadro Auxiliar 1 (Anexo 1), composta pelo resumo de falas selecionadas e seu código correspondente e o Quadro Auxiliar 2 (Anexo 2), em que os códigos foram agrupados com base na proximidade de seus sentidos e posteriormente organizados nos temas finais. A seguir, na seção de resultados, os temas construídos serão apresentados.

4. Resultados

Diante do percurso descrito acima, foram construídos cinco temas. Tema 1: Naturalização/Biologização do binarismo de gênero; Tema 2: Binarismo de gênero e constituição familiar heterossexual; Tema 3: Feminilidade como condição de possibilidade da

masculinidade; Tema 4: Controle do corpo a partir de práticas de assujeitamento e; Tema 5: A mulher, o feminino e o feminismo.

O tema “naturalização/biologização do binarismo de gênero” foi pensado como a base argumentativa de todo o discurso da influencer, que propõe em seu perfil uma conceituação específica de feminilidade e masculinidade. Neste tema, foram reunidos códigos que evidenciam sua compreensão biológica e binária da humanidade que, repartida naturalmente entre homens e mulheres, estaria associada, respectivamente, às energias yang e ying, como é observado em falas como: “Energia feminina é uma energia universal, também é conhecida como ying, presente tanto em homens quanto mulheres, essa é uma energia receptiva, intuitiva, tendo características como compaixão, paciência. Totalmente oposto da energia do yang, que é conhecida como energia masculina, completamente racional e dominante”⁵, “A mulher naturalmente, biologicamente, é mais emocional que o homem”⁶ ou mesmo “O homem biologicamente é mais forte, fisicamente, que uma mulher”⁷.

Uma vez estabelecido o binarismo como natural, são designadas qualidades, papéis e funções, também naturalizados, a cada gênero. Enquanto ao homem se atribui racionalidade, poder e autonomia para ação, à mulher é atribuída a sensibilidade, a fragilidade e a submissão e é com base nesses aspectos essenciais que os papéis são fundamentados: “A mulher naturalmente tem um instinto materno, de cuidar, de zelar”⁸, “O espermatozoide vai até o útero da mulher, esse é papel do homem desde lá do útero”⁹. Mediante esse raciocínio estipula-se o lugar da mulher no âmbito doméstico e privado, onde cabe a ela os cuidados com a casa e os filhos, enquanto ao homem fica destinada a vida pública e, principalmente, o papel de prover o lar financeiramente.

Ainda, tais designações são apresentadas como alicerce para o seguinte tema: “Binarismo de gênero e constituição familiar heterossexual”. Nesse conjunto, os códigos gerados a partir da fala da tiktoker ratificam a importância dos papéis de gênero para a

conquista e sucesso de uma relação amorosa, evidenciando seu objetivo de matrimônio, como é visto em: “Quando você souber exatamente quais são os papéis de um homem e quais são os papéis da mulher dentro de um relacionamento e soltar o controle, as coisas vão fluir muito melhor”¹⁰, “Mulher que quer mandar mais que o homem não vai pra frente (...) a relação não funciona, porque essa não é a natureza da mulher e o homem frouxo não é a natureza dele também”¹¹. Aqui, portanto, a influenciadora marca como a efetiva performance de gênero – compreendida como destino natural dos sexos – é imprescindível para a manutenção da relação.

O casal heterossexual, dada a suposta complementariedade dos papéis de gênero, formaria uma unidade, constituindo uma família nuclear funcional: “Uma mulher sábia ao lado de um homem forte, constroi famílias históricas”¹². Além disso, o tema sinaliza para a centralidade dessa instituição, aos moldes de uma família nuclear burguesa, para a configuração social que ela delineia em seu discurso, ao atrelá-la a valores divinos:

“O espírito santo mudou em mim sem ninguém pedir: o desejo de me tornar mãe e constituir uma família (...) querer estar mais próxima de Deus cada vez mais, querer ser mais feminina delicada e elegante, valorizar minha família e ter claro meus valores e princípios (...)”¹³.

Nesse sentido, denota-se de sua fala a naturalização da família heterossexual, a partir da complementariedade dos papéis naturalizados de gênero que a engendra, assim como a moralidade cristã que a legitima enquanto a família de valor e princípios, próxima de Deus.

Em “feminilidade como condição de possibilidade da masculinidade”, os códigos agrupados representam a ideia de que esses papéis, imprescindíveis para o funcionamento conjugal e familiar, embora apresentados a priori como naturais, demandam um exercício contínuo. Nesse exercício, a feminilidade, como proposta nos termos da influencer, seria

responsável por propiciar as condições de expressão e fortalecimento da masculinidade.

Embora diga das ações da mulher, sua referência e objetivo é a plenitude da masculinidade.

Apresentada numa roupagem de poder, em que teoricamente a posição da mulher a colocaria sob algum controle da relação, o discurso aponta na verdade para uma responsabilização da mulher pelo homem e pela família, junto a uma limitação de sua autonomia: “A mulher comanda sendo submissa e o homem obedece sendo comandante”¹⁴, “A mulher tem o poder de alavancar um homem, assim como ela tem o poder de destruí-lo também”¹⁵, “A minha energia masculina acabou com um relacionamento meu”¹⁶, “Às vezes nem é culpa dele ele estar com uma energia masculina baixa, às vezes é porque você está com uma energia masculina muito (...) você não dá espaço para ele expressar a masculinidade dele”¹⁷, “Eu sei que você sabe fazer tudo isso sozinha, o ponto aqui é você realmente aumentar o ego do seu namorado, marido, ficante, pra que ele se sinta mais homem do seu lado”¹⁸.

De forma paradoxal, o poder da mulher está em resguardar seu lugar de submissão e garantir à masculinidade o campo de ação e protagonismo: “Escolhe a comida e deixa ele pedir para você, isso também é um ato de cavalheirismo (...)”¹⁹. Além disso, a centralidade da mulher quanto à orientação e educação dos homens e da família, apresentada como uma qualidade especial das mulheres, na verdade as sobrecarrega enquanto única responsável, num lugar de potencial culpabilização concomitante à desresponsabilização dos homens: “O papel da mulher é educar a próxima geração de homens, fazendo ser digno, soberano, másculo, homem, decente, inteligente, trabalhador, essas coisas, respeitador, isso faz parte da mulher”²⁰, “Então uma mulher sábia, que sabe cuidar do seu homem, que sabe dar bons conselhos, que não quer mandar mais do que ele, vai com certeza ter um homem muito forte do lado”²¹.

Além de garantir a plena masculinidade do homem, o que cria a ilusão de que há um poder feminino na submissão, de escolha e garantia do protagonismo masculino, a mulher

deve conquistar sua própria legitimidade enquanto tal, o que buscou-se representar em “controle do corpo a partir de práticas de assujeitamento”. Este tema, também em contradição com o pressuposto naturalista do binarismo de gênero, evidencia o caráter condicional do reconhecimento e legitimação da mulher nesse discurso.

Tais condições referem-se a um modelo de conduta correspondente à ideia de feminilidade defendida e como ela deve se expressar em postura, comportamento, vestimentas, desejos e escolhas da mulher: “Mulher chama muito mais atenção pela postura, por demonstrar os seus valores, pela educação, pela gentileza do que mostrando o corpo”²², “Uma mulher feminina ela não fica reclamando toda hora, sendo uma mulher chata, implicando com tudo, é uma mulher agradável de estar, é uma mulher com intelecto avançado, é uma mulher delicada (...)"²³, “Curar a energia masculina pode levar os piores homens a te tratar como uma princesa”²⁴.

Ao delinear como deve ser uma mulher, esse tema refere-se também à marcação de diferença daquelas dissidentes desse ideal: “Mulheres elegantes são admiradas enquanto mulheres vulgares são apenas desejadas”²⁵, “Quando essas mulheres optam pela carreira corporativa, subindo de cargo, chega num momento em que elas precisam conviver somente com homens e elas acabam tendo que competir de pau a pau, e elas acabam perdendo a feminilidade”²⁶, “Os homens eles respeitam muito mais a mulher quando ela tem uma imposição firme e forte, mas ela não deixa a feminilidade de lado”²⁷.

Ou seja, é a medida que mulheres se adaptam a esse modelo – o qual demanda o cerceamento de sua autonomia, o controle de suas emotionalidades, o direcionamento de suas ações em prol da conquista de terceiros – que são reconhecidas, como é destacado pela influencer no compilado “mulher de alto valor”²⁸ presente em seu perfil, enquanto a não correspondência a esse modelo específico a colocaria em um lugar de desvalor e ilegitimidade.

Por fim, no tema “A mulher, o feminino e o feminismo” são apresentadas relações dos deslocamentos dessa posição da mulher na contemporaneidade. Nessa lógica, prejudicar o ideal de feminilidade, para além da desvalorização da mulher não-feminina, surtiria efeito na sociedade como um todo. Nesse sentido, os movimentos sociais que colocam o sistema binário sexo-gênero em pauta ganham lugar em seu discurso, sendo centrais para essa categoria, com destaque ao feminismo.

Assim, quando a influencer diz “Os homens antigamente eram muito mais cavalheiros (...) tinham o compromisso de prover para mulher, eram homens de verdade”²⁹ ou “Antigamente os homens iam pra guerra, hoje em dia eles querem dividir conta, pintar unha e lacrar na internet”³⁰, paralelo a “E a Branca de Neve, que é uma princesa doce, encantadora, vai precisar ser forte, guerreira, não quer nem ouvir falar de homem. É uma pena que isso está acontecendo”³¹, entende-se que as mudanças nas representações de gênero são lidas como uma ameaça, já que a performance mútua desses papéis regulam toda a configuração social e discursiva proposta pela influencer.

Nesse sentido, o feminismo e a agenda progressista são apresentados como um problema, ao questionar e produzir mudanças nos valores, ditos divinos, dos quais faz parte os papéis de gênero e a família nuclear, o que fica claro nos seguintes exemplos: “Até porque o feminismo está destruindo a família tradicional e as mulheres que têm esse desejo de ter uma família, de encontrar um parceiro de vida, estão entendendo e querendo buscar cada vez mais sobre feminilidade”³², “Os filmes que estão sendo lançados agora estão seguindo uma coisa chamada agenda woke (...) se refere a aplicações de narrativas progressistas (...) simplesmente viram uma oportunidade de domesticar a rebeldia e vender mais seus produtos (...) ideologia de gênero, LGBT, Feminismo. Acorda pra vida.”³³.

Diante disso, conclui-se que a influenciadora busca naturalizar um modelo binário de identidade, atrelado a uma configuração familiar e social, os quais se articulam através dos

papéis de gênero. Sua produção de conteúdo volta-se para a disseminação desses preceitos, a partir de uma linguagem injuntiva, sobre como deve ser, pensar e se comportar uma mulher feminina e um homem masculino, quais lugares devem ocupar, quais funções devem exercer e quais objetivos devem ter.

Com isso ela aponta as mudanças sociais que transgridem esse modelo como um prejuízo a ser combatido. Os prejuízos por ela citados foram pensados como um possível tema, a priori, mas notou-se que esse é um aspecto pulverizado nos demais temas, tendo como ancoragem a centralidade da feminilidade para constituição familiar: uma mulher masculina não encontra homens masculinos; uma mulher que não exerce sua função de cuidado e orientação leva seu homem e sua família ao fracasso; uma mulher que mostra o corpo não encontra um homem de família, etc.

Além disso, embora com posições e implicações políticas evidentes, suas ideias são apresentadas enquanto uma possibilidade de escolha para estilo de vida individual. Fica pressuposto o espaço privado para essa escolha, ainda que ela desqualifique outras visões e vivências que os extrapolam, e é suprimida a dimensão política e coletiva de suas proposições. Valendo-se disso, ela toma esse cenário como possibilidade de vender, seja mediante a monetização da plataforma a partir do consumo de seu conteúdo ou da venda de cursos a respeito dos temas que divulga.

5. Discussão

5.1 Naturalização/biologização do binarismo de gênero

Diante dos resultados apresentados, retorna-se à questão central do trabalho acerca de como o discurso de uma criadora de conteúdo do Tiktok, dentro da lógica neoliberal, promove a normatização do binarismo de gênero. Inicia-se essa discussão a partir do tema “Naturalização/biologização do binarismo de gênero”, por compreendê-lo como a base

argumentativa da influencer. Nele se estabelece a condição natural e biológica de ser homem e mulher, atribuindo-lhes, a partir disso, funções específicas.

Para questionar essa perspectiva, parte-se da definição de dispositivo, elaborada por Foucault. Para o autor, dispositivo refere-se a rede que se estabelece entre um conjunto heterogêneo de discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Entre esses elementos, discursivos ou não, há mudanças de posição e funções, guiadas pela dimensão estratégica, já que para o filósofo, a formação de um dispositivo, em dado contexto histórico, busca responder a uma urgência (Foucault, 1979).

O dispositivo da sexualidade, portanto, constitui-se por um aspecto estratégico e discursivo, que ao eleger o enunciado mais aceitável dentro de um campo científico, marca a diferença entre o qualificável e o inqualificável, o verdadeiro e o falso a respeito da sexualidade (Ribeiro, 1999). A partir dessa ideia, pretende-se explorar as produções de verdade nesse campo, que marcam a construção do binarismo de gênero e associam-se ao discurso analisado.

Ao considerar a história das significações sobre gênero e corpo, Laqueur (2001) aponta que desde a antiguidade, até o século XVII, prevalecia a compreensão, baseada no saber médico, de um sexo único como padrão, o masculino, de forma que o corpo feminino era compreendido como inferior, subdesenvolvido, não-todo. Vê-se que, a compreensão de um só sexo já inscrevia as mulheres num lugar subjugado, de incompletude, mas devido a uma diferença de grau de desenvolvimento, não havendo a compreensão de sexos opostos.

Com a consolidação do capitalismo, no século XVIII, e sua ideia de mobilidade social (diferentemente do sistema anterior, em que os lugares sociais eram estanques), foi preciso justificar a inacessibilidade de mulheres brancas a essa máxima, além de sua delimitação ao âmbito privado, enquanto a possibilidade de ascensão ficava relegada ao mundo público, dos

homens brancos. Para isso, recorre-se ao foco sobre a diferença sexual, como forma de naturalizar as diferenças sociais (Zanello, 2018).

A partir dessa perspectiva, disciplinas científicas vinculadas à medicina passaram a abordar a diferença sexual como base para a sustentação de hierarquias. Nesse contexto, as particularidades do sistema reprodutivo feminino foram associadas à função social da mulher e suas características comportamentais (como fragilidade física, intelectual e emocional), reforçadas como traços inerentes. Dessa forma, consolidou-se uma representação da mulher como mais subordinada à natureza, enquanto os homens, menos condicionados pela corporeidade, foram associados à racionalidade, o que se exemplifica pela Declaração Francesa dos Direitos do Homem e do Cidadão, que excluiu as mulheres de direitos civis e políticos por sua suposta aproximação com a natureza e debilidade intelectual (Fernandes, 2009).

Os estereótipos que colocam os homens associados à razão e as mulheres à emoção, fundamentam-se também numa ideia do século XVIII, de que cada indivíduo portava elementos femininos e masculinos que estavam em constante luta interna (Rohden, 2003). De forma semelhante a essa ideia, a influencer propõe “energia feminina” e “energia masculina” como energias universais que coexistem em todas as pessoas, mas que devem ser equilibradas através dos papéis de gênero, com base no sexo.

Assim, ela associa "energia feminina" à passividade e "energia masculina" à atividade, recorrendo, ao mesmo tempo, a explicações biológicas, como ao aludir a atividade do homem ao movimento do espermatozóide até o óvulo. Em códigos como “A diferença natural entre homem e mulher é equilibrada através dos papéis de gênero”, “É papel do homem prover a mulher”, “A maternidade e o cuidado são da natureza da mulher”, “Mulheres são biologicamente mais sensíveis”, “Homens são naturalmente racionais” (Quadro Auxiliar 2),

fica claro como ela reforça uma visão ideológica que naturaliza os papéis sociais de gênero, sustentando uma hierarquia de poder.

Dado esse panorama, entende-se que a maneira a qual as diferenças entre corpos humanos são significadas, como através da normatização do sistema binário sexo-gênero, fazendo-as corresponder à homem e mulher, dizem de uma construção política e historicamente situada. É nesse sentido que Butler (2018) propõe a diferença sexual como uma construção de gênero: o discurso binário de gênero constitui a significação das marcas no corpo como diferenças naturais, opostas e complementares. Ainda, retoma-se a compreensão de gênero de Lauretis (1987), enquanto efeito nos corpos, comportamentos e relações sociais produzido por tecnologias políticas.

Foucault (1979) argumenta que o poder não é uma força externa que simplesmente age sobre as pessoas mas algo que as atravessa e constitui, de forma que a identificação e formação do indivíduo a partir de um corpo, de gestos, discursos e desejos, é um dos primeiros efeitos do poder. Dessa forma, compreende-se o binarismo de gênero não como uma realidade natural, mas como um efeito do dispositivo da sexualidade, que opera internamente nos sujeitos, tornando-os agentes de sua própria normatização.

Ainda sob uma perspectiva foucaultiana, a norma é a regra da disciplina e corresponde à aparição de um biopoder, o qual impõe um sistema de normalização dos comportamentos e das existências, dos trabalhos e dos afetos (Revel, 2005). Disso, depreende-se que o sistema sexo-gênero, conforme explorado até aqui, corresponde a uma forma de biopoder que, por meio de sua naturalização, institui a normatização do binarismo de gênero, disciplinando os corpos a modos específicos de ser, agir e se relacionar.

A atuação da influencer, nesse sentido, não se limita a reproduzir normas sociais, mas integra um processo contínuo de produção de subjetividades dentro de uma estrutura de poder historicamente determinada, já que o dispositivo sexual, ligado a um discurso hegemônico

sobre a verdade, reconhece os sujeitos a partir de seu crivo: tornar-se alguém é tornar-se homem ou mulher.

Considerando o contexto contemporâneo, questiona-se a partir de que elementos um discurso que busca resgatar as restrições de gênero, retomando modelos arcaicos, encontra ressonância junto ao público. Situando esse processo, Vazquez e Falcão (2019) apontam que, à medida que a ideologia neoliberal, de desresponsabilização do Estado, se fortalece, a classe trabalhadora se torna cada vez mais vulnerável e precarizada, sobretudo as mulheres, que enfrentam jornadas múltiplas de trabalho, sendo que a esse efeito se soma outros atravessamentos como de classe, raça e também sobre corpos dissidentes das normas de gênero (LGBTQIAP+).

Diante desse cenário de sobrecarga e precarização, torna-se compreensível a popularização de um discurso que propõe o retorno da mulher ao espaço privado como forma de reduzir sua carga de trabalho. No entanto, para além da subalternização dessa posição, coloca-se em pauta a viabilidade dessa escolha: quem são as mulheres que poderiam, de fato, optar por esse caminho?

Essa é uma dimensão que fica oculta nas proposições da tiktoker e que pode ser colocada em contraste com sua própria posição enquanto influenciadora, que desloca-se da posição submissa e dependente da feminilidade por ela idealizada, o que será desenvolvido mais a frente. Agora, pretende-se explorar mais de perto as relações desse discurso com o neoliberalismo, a partir da configuração familiar, que dá contornos ainda mais precisos aos papéis calcados no binarismo.

5.2 Binarismo de gênero e constituição familiar heterossexual

Diante do segundo tema, “Binarismo de gênero e constituição familiar heterossexual”, as relações amorosas ganham destaque. Compreende-se que o sistema sexo-gênero, ao

prescrever as funções naturais de homem e mulher, tem como objetivo a formação de matrimônio e é imprescindível para sua manutenção. Aqui, coloca-se em evidência a questão da sexualidade, para além da identidade de gênero, já que a relação heterossexual é naturalizada e associada a moralidade cristã.

Esta é uma categoria composta por códigos que indicam a interdependência dos papéis de gênero para o sucesso de uma relação, como “O relacionamento depende dos papéis de gênero”, “Trabalho doméstico como amor feminino”, “A ocupação da mulher depende de um homem provedor” (Quadro Auxiliar 2). Além da biologização do desejo, como em “O desejo de homens e mulheres por seu oposto complementar é natural” (Quadro Auxiliar 2), que normatiza a heterossexualidade, relegando às demais sexualidades uma dimensão anti-natural.

Desse modo, o que a tiktoker enseja é um modelo de família tradicional burguesa cis-heteronormativa. Solidificada a partir do século XVIII, e presente ainda nos dias atuais, esse modelo familiar caracteriza-se por um núcleo composto por mãe, pai e filhos, e prioriza a privacidade e a proteção em detrimento à vida em comunidade. Na privacidade da vida doméstica, destaca-se a divisão dos papéis sexuais que organizam essa família: o papel do homem é o de provedor; enquanto o da mulher, esposa e mãe, é a organização do cotidiano da família, os cuidados com a casa, com o preparo dos alimentos, e a educação dos filhos (Archango, 2003).

Ariés (1981) diz que a medida que esse modelo familiar se estabelece como norma, outras formas de relações humanas tornam-se periféricas, de forma que o sentimento familiar passa a substituir outros sentimentos ligados à vida em comunidade. Assim, a situação da mulher nesse modelo familiar burguês é de isolamento, sendo a casa seu principal espaço de ação e o marido e filhos suas principais relações. Sendo um modelo arcaico e no entanto persistente, investiga-se a possível articulação desse modelo ao neoliberalismo, partindo do familiarismo.

Para Safatle (2021) o familiarismo na política diz da ideia de uma família nuclear formada por relações hierárquicas ligadas ao amor e à devoção. Assim, a família seria um espaço de socialização das estruturas sócio-políticas e econômicas, em que a autoridade e submissão são naturalizados. O autor explica:

Lembremos que a economia ainda guarda seu traço familiarista (...) que aparece periodicamente, principalmente quando se acredita que o governo deva fazer o mesmo que uma dona de casa quando falta dinheiro. Essa sobreposição das relações econômicas sociais complexas à lógica elementar da “casa” não visa apenas à produção ideológica de ilusões de naturalidade dos modos de circulação e produção de riquezas. Ela visa à sobreposição fantasmática entre o corpo social e o corpo do pai, da mãe e dos irmãos. Sobreposição essa que deve produzir a docilidade em relação à autoridade, a perpetuação de um sentimento de dependência e, principalmente, a naturalização da sujeição de gênero. No limite, ela deve produzir uma “identificação com agressor”. (Safatle, 2021, p. 23)

Wendy Brown (2019), ao pensar o tradicionalismo moral como elemento do neoliberalismo, parte do emblema do conservadorismo familiar “Deus, família, nação e livre iniciativa” para explicitar que durante a Guerra Fria, a compatibilidade dessas máximas se dava por uma união contra o socialismo. Já fora desse contexto, nota-se divergências entre seus elementos. Enquanto a livre iniciativa pressupõe inovação, liberdade, novidade e acúmulo de riqueza, a política centrada na família, religião e patriotismo preconiza a tradição, a autoridade e a moderação. Diante disso, a literatura tem tratado, majoritariamente, o compromisso da direita com o neoliberalismo e com os valores tradicionais como duas frentes desassociadas, mas abordagens como a de Melinda Cooper, contemplam essa relação (Brown, 2019).

Essa abordagem parte da Lei dos Pobres, instituída em 1601 na Inglaterra, para discorrer sobre essa aliança. Essa lei categorizou a população pobre, sujeitando-a ao princípio da responsabilidade familiar: as relações de parentesco eram açãoadas para se responsabilizar por essas pessoas antes que pudessem recorrer a recursos do governo (Cooper, 2017).

Assim, o neoliberalismo recorre a esse princípio, propiciando uma aliança funcional com o conservadorismo, já que aos dois segmentos interessa a promoção e cumprimento das obrigações familiares. Aos neoliberais serve como via de desresponsabilização quanto aos seus cidadãos, enquanto aos neoconservadores serve à manutenção de uma ordem social considerada fundamental (Cooper, 2017). Na atualização desse princípio sob a égide do neoliberalismo interpela-se também a máxima do desempenho. Com isso, fica a pleito da família, a partir do livre mercado, a construção do capital humano de seus herdeiros a partir de investimentos materiais (Scotta, 2022).

O capital humano é o conjunto de todos os fatores físicos e psicológicos que tornam alguém capaz de ganhar um salário. Assim, é indissociável de quem o detém, constituindo-se enquanto a competência do trabalhador como uma máquina produtora de fluxos de renda. Essa competência pode ser melhorada por meio de investimentos, seja em seus elementos inatos (como aptidões físicas e melhoramento genético), seja em seus elementos adquiridos (como aprendizados escolares, profissionais, culturais, etc), que irão compor esse capital. Nesse sentido, aos moldes de uma empresa, há despesas voltadas para a melhoria desse capital, do sujeito enquanto empreendedor de si mesmo (Foucault, 2008). Voltando ao papel da família como transmissora e construtora de capital para seus herdeiros, depreende-se que se o adulto falha nas máximas de ascensão do neoliberalismo, falha também a instituição familiar (Scotta, 2022).

Depreende-se desse raciocínio que a promoção da constituição familiar heterossexual, baseada no sistema binário de gênero, ganha espaço no contexto contemporâneo através de

uma articulação discursiva, entre o neoconservadorismo e o neoliberalismo. E nesse sentido, o código “A maternidade, a família e a feminilidade são valores divinos” (Quadro Auxiliar 2) é emblemático para ilustrar como a naturalização desses sistemas ganha, no discurso da tiktoker, uma dimensão normativa, moral e de base cristã: esta é a verdadeira família.

Percebe-se que essa aliança vale-se do dispositivo sexual, expondo a relação intrínseca entre a heterossexualidade e as identidades e papéis binários de gênero. Ao naturalizar as noções de feminilidade, masculinidade e desejo, como emergentes de partes específicas da carne, a influencer torna ininteligível o que não corresponde a esse sistema de reconhecimento (identidades transgêneras, relacionamentos não-monogâmicos e/ou não hetero-centrados), de forma que para além de uma violação da natureza, a quebra com esse modelo de identidade e de família é também uma violação moral (Preciado, 2014).

5.3 Feminilidade como condição de possibilidade da masculinidade

Seguindo com os temas construídos neste trabalho, “Feminilidade como condição de possibilidade da masculinidade” e “Controle do corpo a partir de práticas de assujeitamento”, dão notícias da centralidade da mulher nessa configuração social, tornando-a alvo de diversos mecanismos de controle. Embora sejam duas categorias distintas, em ambas reúnem-se prescrições quanto a modos de ser, agir, pensar e se relacionar, seja em prol da masculinidade em si, seja em prol da legitimação da mulher, tendo como peso para isso o olhar masculino. Assim, elas marcam predominantemente a dimensão educativa dessa produção de conteúdo.

No tema “Feminilidade como condição de possibilidade da masculinidade”, observa-se que o desempenho da feminilidade, no modelo proposto, é responsável por propiciar a expressão e o fortalecimento da masculinidade, ao resguardar seu lugar de submissão e garantir aos homens o campo de ação e protagonismo: “A independência da mulher prejudica a masculinidade do homem” (Quadro Auxiliar 2).

Recorre-se, portanto, para problematizar esse tema, ao conceito de dispositivo materno. Como uma das facetas constituintes da subjetivação da mulher, o dispositivo materno tem como pano de fundo a construção social da capacidade de cuidar associada à capacidade reprodutiva (tendo como referência, portanto, corpos cisgêneros). Isto é, seria da natureza da mulher as tarefas de cuidado com a casa, a família e os filhos (Zanello, 2022).

Ao subjetivar-se através desse dispositivo, as mulheres aprendem a priorizar e cuidar dos desejos, necessidades e anseios dos outros. Assim, essa é uma fonte de grande responsabilização (Zanello, 2022), o que se identifica nessa categoria em códigos como “A baixa energia masculina no homem é culpa da alta energia masculina na mulher”, “A mulher deve ceder autonomia ao homem” (Quadro Auxiliar 2).

Consonante a essa elaboração, Gilligan (1982) implementa as noções de “ética da justiça” e “ética do cuidado” para propor que homens e mulheres partem de conceitos morais diferentes. Enquanto os homens são guiados por direitos individuais e normas universais, as mulheres guiam-se pela preocupação com o outro e pela manutenção dos relacionamentos de cuidado em suas decisões. Assim, dentro de uma estrutura patriarcal, o cuidado é uma ética feminina (Gilligan, 1982).

Além disso, toda essa responsabilidade é apresentada como fonte de poder para mulher, não só como moduladora da masculinidade através de seu posicionamento, mas também como responsável pela qualidade da performance masculina, já que cabe a ela o papel de educadora: “O papel da mulher é educar a geração de homens”, “A força do homem depende da mulher”, “O homem é responsabilidade da mulher” (Quadro Auxiliar 2).

A isso, Zanello (2018) chamou de “empoderamento colonizado”, já que a maternidade foi uma via de legitimação social inicial para as mulheres, como “educadoras do futuro da nação”, dando-lhes um protagonismo social que, por outro lado, restringem-nas à servidão e as tornam vulneráveis à culpabilização. Embora leve o nome de materno, portanto, o

dispositivo extrapola a filiação, não atuando somente sobre mulheres mães, mas instituindo códigos e valores morais para todas as mulheres, para que estejam sempre disponíveis e prezando pelo cuidado do outro (Silva, Cardoso, Abreu & Silva, 2020).

Aqui, portanto, a influenciadora atua como elemento desse dispositivo, bem como da ética do cuidado feminino, enfocando a responsabilização das mulheres pelo pleno desenvolvimento da masculinidade de seus companheiros e direcionando modos de agir que assegurem essa tarefa. Retomando o tema anterior, se a falha à ascensão social, aos moldes neoliberais, recai como culpa sobre a família, a partir do dispositivo materno torna-se uma falha da mulher e de sua missão enquanto educadora. Nesse sentido, os mecanismos do neoliberalismo, articulados aos dispositivos de gênero, têm pesos distintos sobre homens e mulheres, com base nessa estrutura de poder.

5.4 Controle do corpo a partir de práticas de assujeitamento

Já o tema “Controle do corpo a partir de práticas de assujeitamento” foi construído com base nos enunciados que delineiam um modelo de conduta como condição para legitimidade social da mulher. Com códigos como “Mulheres devem ser ponderadas” e “O corpo da mulher está associado a vulgaridade e deve ser regrado” (Quadro Auxiliar 2), entende-se que o corpo e a subjetividade da mulher devem ser vigiados, tendo como referência o próprio modelo de feminilidade proposto pela influencer: “Uma mulher feminina ela não fica reclamando toda hora, sendo uma mulher chata, implicando com tudo, é uma mulher agradável de estar, é uma mulher com intelecto avançado, é uma mulher delicada.”²³.

Friedan (1971), em “Mística Feminina”, aponta para um ideal de feminilidade que se entrelaça diretamente a este modelo, sendo o cerne do que chama de “problema sem nome”. Esse modelo afirma que a realização da feminilidade – através da passividade sexual, da aceitação do domínio do homem, da criação dos filhos e do amor materno – é o maior valor

e compromisso único da mulher. O problema sem nome, nesse contexto, era o mal-estar das mulheres diante do desejo de emancipação, já que a satisfação prometida pelo seu “destino natural” não se realizava (Friedan, 1971).

É nesse sentido que bell hooks (1984) criticou Friedan, ao colocar que a Mística Feminina só poderia moldar a identidade de mulheres que tivessem tempo e dinheiro, sendo sua crítica destituída das dimensões de raça e classe, assim como o é também o discurso da tiktoker.

Complementar ao estabelecimento desse modelo em seu discurso, é possível identificar a hierarquização feita entre mulheres, a partir de maior ou menor grau de correspondência a ele, além da centralidade da chancela de homens para as condutas femininas. Assim, a partir de códigos como “A mulher é desejada ou admirada” e “Os homens respeitam mais mulheres femininas”, percebe-se nesse ideal de feminilidade resquícios do processo de colonização e cristianização.

O Estado português, no período da colonização do Brasil, ao aliar-se a Igreja Católica para promoção do matrimônio, fez marcar a diferenciação entre as mulheres “de família”, puras, com quem pode-se casar, e “as outras” com quem a sexualidade e os prazeres são vividos. Assim, a mulher de família seria frágil, agradável, doce, pura, generosa, recatada, assexuada. Por razões da fé católica, o desejo sexual era reservado aos homens, e portanto, casando-se com as mulheres consideradas puras, a eles era permitido o adultério, cometido majoritariamente com mulheres negras e trabalhadoras (Zanello, 2018).

Ao ensinar em seu perfil como se tornar uma “mulher de valor”, a partir das condutas que prescreve aos seus seguidores, entende-se que a influenciadora busca desenhar uma mulher aos moldes da “mulher de família” descrita, a partir de um ideal de feminilidade calcado numa representação pretensamente universal de mulher cisgênera, não racializada, descredibilizando outras experiências de mulheridade.

A ideia de docilidade é abordada por Foucault (1975) como sendo o efeito das práticas disciplinares, que através de uma política das coerções trabalha sobre o corpo, manipulando seus elementos, gestos e seus comportamentos, tornando-os corpos submissos. Assim, sugere-se com esse tema a docilização dos corpos das mulheres a partir do modelo de feminilidade instituído pelo sistema sexo-gênero e defendido pela influencer.

Além disso, fica evidente que tal performance é voltada para o olhar dos homens, já que é deles o poder de escolha para constituição de família, o que dá a suas prescrições objetivos claros: “Como conquistar um homem”, “Como agradar o namorado”, “Como a mulher não deve agir no primeiro encontro” (Quadro Auxiliar 2).

Como pontua Zanello (2018), o trabalho é um fator identitário para os homens, enquanto o cuidado e o amor são a centralidade da identidade da mulher. A autora propõe que o cuidado seja centralizado a partir do dispositivo materno, e o amor, do dispositivo amoroso, o qual permite contornar o tema em questão.

O dispositivo amoroso diz respeito à maneira como as mulheres se constituem enquanto sujeitos mediadas pela possibilidade de ser “escolhida” por um homem. Para explicar essa ideia, a autora elabora a metáfora da prateleira do amor: exibidas como objetos, a posição das mulheres na prateleira (mais próximas ou mais distantes de serem escolhidas), assim como seu valor, são dados de acordo com sua correspondência a um modelo estético, construído historicamente, de mulher loura, branca, magra e jovem (Zanello, 2022).

Nos conteúdos analisados, essa prateleira é estruturada mais explicitamente sobre padrões morais e de comportamento, de bases cristãs, que no entanto, associam-se historicamente ao estabelecimento desse padrão estético. Percebe-se daí a herança de uma misoginia racista de onde emerge uma separação entre uma classe aliada ao desejo e aos prazeres, na qual as mulheres são entendidas enquanto pecaminosas; e a outra, legitimada socialmente, ainda que subjugada à submissão dos homens e da família, ligada à pureza e

admiração. Ainda, fica inscrita a posição do homem enquanto o avaliador do valor moral da mulher.

5.5 A mulher, o feminino e o feminismo

O último tema, “A mulher, o feminino e o feminismo”, tem como enfoque a leitura da influencer sobre os deslocamentos da posição da mulher na sociedade contemporânea. Em suas falas, entende-se que a transgressão sobre o ideal de feminilidade surte efeito negativo em toda configuração social. A partir de uma espécie de saudosismo à tradição, a agenda progressista, com foco no feminismo liberal, torna-se central nas suas falas, delineada como fonte de corrupção aos valores divinos da família, o que ela denomina “cultura woke”.

Se nos outros temas evidencia-se o aspecto mais propositivo de seu discurso, em que ela apresenta o seu ideal, aqui fica evidente o viés crítico sobre os posicionamentos dissidentes de seu modelo, como na seguinte fala:

“Os filmes que estão sendo lançados agora estão seguindo uma coisa chamada agenda woke (...) se refere a aplicações de narrativas progressistas (...) simplesmente viram uma oportunidade de domesticar a rebeldia e vender mais seus produtos (...) ideologia de gênero, LGBT, feminismo. Acorda pra vida.”³³

A partir da noção de ideologia de gênero, é possível explorar os aspectos cristãos e conservadores inscritos nesse discurso. O termo remonta à reação da Igreja Católica ao feminismo, mas, mais especificamente, à Conferência Mundial de Beijing sobre a Mulher, organizada pelas Nações Unidas, em 1995. Nessa conferência a categoria “gênero” foi implementada como abordagem para questionar os papéis das mulheres e as desigualdades estruturais às quais estavam submetidas. Com isso, a Igreja Católica passa a definir “ideologia de gênero” como uma forma de totalitarismo, que ataca o estatuto natural dos sexos e que

deve ser combatida, tendo como eixo a defesa do conceito tradicional de família (Miskolci & Campana, 2017).

Silva (2023) situa a conjuntura brasileira, principalmente a partir das eleições de 2018, junto a uma ascensão conservadora global, e explora associação entre o neoliberalismo e os discursos moralizantes de ordem religiosa cristã, que responsabiliza as famílias a partir de sua sacralização, paralelo ao ataque aos direitos das mulheres e demais minorias sociais, através desse compromisso contra a suposta ideologia de gênero. Essa ofensiva anti-gênero busca implementar uma agenda política moralmente regressiva, por meio da contenção ou anulação de avanços associados aos debates de gênero, sexo e sexualidade, em favor do tradicionalismo e de princípios religiosos inegociáveis (Junqueira, 2018).

Esse movimento se articula através de um pânico moral, que pretende levar a sociedade a uma batalha em defesa da “família tradicional” (Junqueira, 2018). Assim, compreende-se o delineamento sócio-histórico e político que dá suporte a esse discurso: “O feminismo é inimigo da família”, “Mulheres que se afastam dos valores da feminilidade estão sendo prejudicadas pelo Satanás” ou “O afastamento da feminilidade, a vivência de relacionamentos tóxicos, o distanciamento da fé e espiritualidade e a objetificação da mulher são aspectos mutuamente relacionados” (Quadro Auxiliar 2).

Junto à ofensiva antigênero têm-se disseminação de uma cultura pós-feminista. Essa cultura, posterior a uma assimilação das conquistas de movimentos feministas do século XX, levou a uma normalização despolitizada de pautas importantes, como o empoderamento feminino. Este conceito, cooptado pelo mercado, tornou-se um elemento do desenvolvimentismo por um lado, e por outro, uma via de movimentos conservadores baseados na valorização moral da mulher a partir de uma estrutura binária de gênero (Solano, Rocha & Sendretti, 2023).

Retomando a fala da influencer, sobre a agenda progressista como possibilidade de venda, coloca-se em questão essa cooptação de pautas políticas feita pelo mercado. Drummond e Assunção (2021) analisam a adesão de discursos feministas pela publicidade, com foco no conceito de empoderamento feminino. Essa noção, no interior dos movimentos feministas, é entendida com base no contracontrole, propondo resistência política à situação de opressão vivenciada pelas mulheres e visando a modificação das estruturas de poder a nível estrutural (Drummond & Assunção, 2021).

No entanto, tomada pelo imperativo da individualização, patente do neoliberalismo, o empoderamento passa a ser abordado por uma perspectiva do controle pessoal, como se a não subalternização aos efeitos do patriarcado pudesse ser escolhida através da tomada do controle para si, fazendo com que a sobredeterminação das estruturas de poder sejam ocultadas (Drummond & Assunção, 2021), isto é, o empoderamento é despolitizado, retirado da coletividade e incrementado ao campo da autonomia individual.

No mercado, essa abordagem dá origem ao empoderamento light, apresentado anteriormente, que restringe o compromisso com mulheres à dimensão representativa e econômica. Assim, as ações voltam-se para incrementar essa população como protagonistas do desenvolvimento, de forma que a “mulher empoderada” é aquela economicamente autônoma (Cornwall, 2018).

Nesse sentido, enquanto entende-se aqui o esvaziamento de pautas políticas importantes, com objetivo de lucro, como um mecanismo que perpetua opressão sobre as mulheres, a influencer, em outra perspectiva, identifica essa opressão como efeito do feminismo. Ela recorre à proposição de uma outra imagem do feminino, sendo possível localizá-la correlata ao movimento da representação feminina no mercado, ainda que por uma oposição discursiva. Aos moldes do *homo economicus*, proposto e definido por Foucault

(2008) como um empresário de si mesmo, guiado pela lógica do mercado, a influencer participa de um processo de mercantilização do seu discurso.

Unindo o imperativo do empreendedorismo de si e da criatividade, as redes sociais tornaram-se um terreno para rentabilização, por meio da produção de conteúdos cada vez mais personalizados, onde a subjetividade torna-se mercadoria (Dias & Rocha, 2024). Assim, através do tiktok, ela ocupa esse espaço digital enquanto empreendedora de si, atuando como sua própria empresa, ao ser monetizada pelas plataformas. Por meio de um discurso tradicionalista, ela lucra através do dispositivo sexual, fortalecendo-o.

Considerando a construção de gênero como um efeito em curso, tanto através do Estado, da academia, da comunidade intelectual, quanto das práticas artísticas, das teorias radicais e do feminismo (Lauretis, 1987), entende-se que essa é uma construção em constante disputa. Assim, ao destrinchar os temas a partir do discurso analisado aqui, pretende-se reforçar essa construção enquanto pauta coletiva passível de debate e situá-la para além da vontade e liberdade individuais preconizadas pelo neoliberalismo, propondo restabelecer sua dimensão pública e política que contesta a naturalização das diversas experiências possíveis de gênero.

6. Considerações Finais

Este trabalho teve como foco as relações estabelecidas entre o neoliberalismo e o binarismo de gênero, tendo como fonte de investigação um perfil do Tiktok que, com um largo alcance na plataforma, aborda o tema de energia feminina e energia masculina. Ao explorar esse discurso, foi possível destrinchar suas bases ideológicas, datadas do século XVIII e ligadas tanto à ascensão do capitalismo e a produção de saberes científicos arbitrários sobre os corpos, quanto à expansão da fé católica.

Diante de uma ética neoliberal que presa pela inovação, criatividade e liberalismo, foi questionada as condições que dão espaço para a retomada de discursos tradicionalistas como este. Assim, compreendeu-se que o binarismo de gênero é atualizado nesse contexto a partir de sua intrínseca relação com a constituição familiar tradicional, que serve ao neoliberalismo como sustentáculo de sua política de desmantelamento da responsabilidade social do Estado, oferecendo em contrapartida, ao neoconservadorismo, espaço político para o estabelecimento de sua perspectiva de mundo como fundamental.

Nesse perfil, em específico, essa aliança aparece em seu conteúdo mediante a proposição específica de modelos de feminilidade, masculinidade e família, o que tem como efeito a influência sobre seu público. E também na própria instrumentalização dessa influência como forma de empreendimento mercadológico, já que, perante sua argumentação contra posições políticas progressistas, ela vende seu discurso como solução para uma suposta problemática social.

Nesse sentido, considera-se que o trabalho alcançou seus objetivos ao explorar as condições sócio-políticas que possibilitam a atualização discursiva do binarismo de gênero, entendendo sua articulação com o neoliberalismo através do familiarismo. Foi possível identificar os aspectos educativos no conteúdo analisado, em que a influencer pontua os modos de como ser e não ser, estabelecendo a normatização condicional para o reconhecimento da mulher, do homem e da família. Tais aspectos, por sua vez, indicam o atravessamento neoliberal sobre sua visão de mundo, que é oferecida enquanto consumo para os usuários.

Como bem colocado por Safiotti (2015), gênero, raça e as classes sociais constituem eixos estruturantes da sociedade. Entende-se, portanto, que essa é uma discussão que não foi esgotada, dada a complexidade e multiplicidade da realidade social. Embora o trabalho se debruce sobre as articulações entre o binarismo de gênero e a política econômica neoliberal,

focando nas performances naturalizadas de gênero em sua aliança com a estruturação de uma sociedade baseada numa lógica mercadológica, entende-se que os impactos dessa aliança recaem sobre os sujeitos com efeitos específicos, situados a partir de raça e posição econômica, o que não foi aprofundado. Tais aspectos não podem ser, na realidade, encontrados de forma fragmentada, de forma que o recorte da discussão fundamentou-se nos objetivos traçados. Considera-se, assim, que o trabalho aponta para o desenvolvimento de estudos futuros que aprofundem essas dimensões.

7. Referências bibliográficas

- Archanjo, D. R. (2003). Representações sociais do adultério no limiar do século XXI: família, gênero e religião em Curitiba
- Ariés, P. (1981). História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar
- Brown, W. (2018). Cidadania sacrificial: neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. Zazie Edições.
- Brown , W. (2019). Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. Editora Filosófica Politeia.
- Butler, J. (2018). Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade (16^a edição). Civilização Brasileira.
- Castro, J. C. L. de (2016). Redes sociais como dispositivos de governamentalidade neoliberal. Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

- Cellard, A. (2012). A análise documental. In: J. Poupart, J-P. Deslauriers, L-H. Groulx et al. (3a ed.; A.C.A. Nasser, Trad.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 295-316). Rio de Janeiro: Vozes.
- Chauí, M. (2020). O totalitarismo neoliberal. *Anacronismo e Irrupción*, 10(18), p. 307-328
- Cooper, M. (2021). Valores familiares do neoliberalismo: bem-estar social, capital humano e parentesco. In: Albino, C., Oliveira, J. & Melo, M. (Orgs), *Neoliberalismo, neoconservadorismo e crise em tempos sombrios*. Recife: Editora Seriguela
- Cornwall, A. (2018). Além do “empoderamento light”: empoderamento feminino, desenvolvimento neoliberal e justiça global. *Cadernos pagu*, 52
- Dardot, P. & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Editora Boitempo
- Dias, K. S. & Rocha, C. M. F. (2024). Neoliberalismo, capitalismo de plataforma, trabalho imaterial e a emergência dos influenciadores digitais e criadores de conteúdo. *Convergências: estudos em Humanidades Digitais*, 1(4), p. 62-82
- Drummond, M. E. P. e Assunção, M. M. S. de (2021). A comercialização do empoderamento feminino. *Pretextos - Revista de Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 7(13)
- Drummond, T. P. (2023). Feminina, leve e feliz: ideologias de gênero no tiktok. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. <http://hdl.handle.net/11422/22337>
- Fernandes, M. G. M. (2009). O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 19(4), 1051-1065
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal
- Foucault, M. (2008). *Nascimento da biopolítica*. Martins Fontes Editora.
- Foucault, M. (1975). *Vigiar e Punir*. Editora Vozes.
- Friedan, B. (1971). *A mística feminina*. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 2020

- Gaskell, G. (2000). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Editora Vozes.
- Gilligan, C. (1982). Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Gill, R. (2016). Post-feminism: new feminist visibilities in postfeminist times. *Feminist Media Studies*, 16(0), p. 610-630, <https://doi.org/10.1080/14680777.2016.1193293>
- Hooks, B. (1984). Teoria feminista: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019
- Junqueira, R. D. (2018) A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Psicologia Política*, 18(43), p. 449-502.
- Kleina, N. C. M. (2020). Hora do TikTok: análise exploratória do potencial político da rede no Brasil. *Revista UNINTER De Comunicação*, 8(15), 18–34. <https://doi.org/10.21882/ruc.v8i15.843>
- Laqueur, T. W. (2001). Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará
- Lauretis, T. de (1987). The technology of gender. In: *Technologies of gender*, University Press, p. 1-30
- Matos, C. O. (2017). Rosalind Gill: “não queremos só mais bolo, queremos toda a padaria!”. *MATRIZes*, 11(2), 137-160. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i2p137-160>
- Mencato, S. D. P. (2022). Neoliberalismo e gênero: entrelace que acentua desigualdades. *Revista Teoria & Pesquisa*, 31(1), p. 6-19
- Mesquita, D. C. (2023). Seja bem-vinda ao lado LGBTQIA+ do tiktok: gêneros e sexualidades em mediações algorítmicas. *Simbiótica. Revista Eletrônica*, v. 10, n. 3, pp. 207-226.

Miskolci, R., & Campana, M.. (2017). “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade E Estado*, 32(3), 725–748.

<https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008>

Pinheiro, P. (2022). Da utopia da participação global na Web 2.0 às fake news nas redes sociais: uma discussão epistemológica para uma educação crítica. *Revista Linguagem em Foco*, 14 (2), 9-28. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9347>

Preciado, P. B. (2014). *Manifesto Contrassetual*. São Paulo: N-1 edições.

Revel, J. (2005). Michel Foucault: conceitos essenciais. Cláraluz, São Carlos.

Ribeiro, L. N. & Heinen, L. R. (2023). Crítica feminista ao neoliberalismo: a ampliação da opressão feminina como consequência do neoliberalismo. *Revista Brasileira de Sociologia do Direito*, 10(1), p. 52-79

Ribeiro, M. O.. (1999). A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem. *Revista Da Escola De Enfermagem Da USP*, 33(4), 358–363.

<https://doi.org/10.1590/S0080-62341999000400006>

Rohden, F. (2003). Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ

Rosa, R. R. da (2019). Neoliberalismo, desdemocratização, subjetividade. *Argumentos: Revista de Filosofia*, 21, p. 154-165

Rossi, T. C.. (2017). Feminilidade e suas imagens em mídias digitais: Questões para pensar gênero e visualidade no século XXI. *Tempo Social*, 29(1), 234–255.

<https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.103981>

Safatle, V. (2022). A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: Safatle, V., Junior, N. S. da &

- Dunker, C. (Orgs.), *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Editora Autêntica.
- Saffioti, H. (2015). *Gênero patriarcado violência*. São Paulo: Expressão Popular
- Sá-Silva, J. R., de Almeida, C. D. & Guindani, J. F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 1(1).
- Scotta, L. (2022). A instituição familiar no contexto neoliberal conservador: uma análise sob a ótica da governamentalidade
- Silva, D. P. da, Pestana, H., Andreoni, L., Ferreti, M., Fogaça, M., Senhorini, M., Junior, N. S. da, Beer, P. & Ambra, P. (2022). Matrizes psicológicas da episteme neoliberal: a análise do conceito de liberdade. In: Safatle, V., Junior, N. S. da & Dunker, C. (Orgs.), *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica.
- Silva, J. M. S., Cardoso, V. C., Abreu, K. E. & Silva, L. S. (2020). A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. *Revista feminismos*, 8(3)
- Silva, R. A. T. M. L. da (2023) Neoliberalismo, conservadorismo religioso e opressões de gênero e sexualidade no Brasil. *Serviço Social & Sociedade*, 146(1), 244-262.
<https://doi.org/10.1590/0101-6628.312>
- Solano, E., Rocha, C. & Sendretti, L. (2023). Mulheres de extrema-direita: empoderamento feminino e valorização moral da mulher. *Caderno CRH*, 36, 1-16.
<http://dx.doi.org/10.9771/crhh.v36i0.55443>
- Souza, L. K. de (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a análise temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*; Rio de Janeiro, 71 (2), 51-67
- Vazquez, A. C. B. e Falcão, A. T. S. da (2019). Os impactos do neoliberalismo sobre as mulheres trabalhadoras: a esfera do cuidado e a precarização do trabalho feminino. *O Social em Questão*- Ano XXII (43)

Zanello, V. (2018). Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação.

Curitiba: Appris

Zanello, V. (2022). A prateleira do amor sobre mulheres, homens e relações. Curitiba: Appris

8. NOTAS DE RODAPÉ

¹ Disponível em: <https://datareportal.com/essential-tiktok-stats> Acessado em: 18/03/2025

² Disponível em: <https://www.tiktok.com/creator-academy/pt-BR/homepage> Acessado em: 18/03/2025

³ Disponível em: https://support.tiktok.com/pt_BR/using-tiktok/exploring-videos/for-you Acessado em: 18/03/2025

⁴ Disponível em: [@bruna.ferrari](https://www.tiktok.com/@bruna.ferrari) Acessado em: 18/03/2025

⁵ Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6yd5XD/> Acessado em: 18/03/2025

⁶ Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6ysr67/> Acessado em: 18/03/2025

⁷ Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6yGfBW/> Acessado em: 18/03/2025

⁸ Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6ysr67/> Acessado em: 18/03/2025

⁹ Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6y53wW/> Acessado em: 18/03/2025

- ¹⁰Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6yGfBW/> Acessado em: 18/03/2025
- ^{11, 12}Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6feUdS/> Acessado em: 18/03/2025
- ¹³Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6UrXE7/> Acessado em: 18/03/2025
- ¹⁴Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6yxRbr/> Acessado em: 18/03/2025
- ¹⁵Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6f5j7C/> Acessado em: 18/03/2025
- ¹⁶Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMBrJ3Xp4/> Acessado em: 18/03/2025
- ^{17, 18} Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6yoP39/> Acessado em: 18/03/2025
- ¹⁹Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6y6h6R/> Acessado em: 18/03/2025
- ²⁰Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6ynPUf/> Acessado em: 18/03/2025
- ²¹Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6feUdS/> Acessado em: 18/03/2025
- ²²Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6yhmeE/> Acessado em: 18/03/2025
- ²³Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6UGQdR/> Acessado em: 18/03/2025
- ²⁴Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6ymr3n/> Acessado em: 18/03/2025
- ²⁵Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6yqk69/> Acessado em: 18/03/2025
- ^{26, 27}Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6f5J9x/> Acessado em: 18/03/2025
- ²⁸Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMBkncTJ4/> Acessado em: 21/03/2025
- ²⁹Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6f29dX/> Acessado em: 18/03/2025
- ³⁰Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6yDUyD/> Acessado em: 18/03/2025
- ³¹Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6fcmcH/> Acessado em: 18/03/2025
- ³²Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6yLDNH/> Acessado em: 18/03/2025
- ³³Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMB6fjNEu/> Acessado em: 18/03/2025

ANEXOS

Quadro auxiliar 1

Resumo de fala	Código
Então se você quer um homem mais masculino, seja mais feminina. Gente, não tem segredo, é as energias, o yin e yang, opostos	Masculino e feminino são opostos complementares que se atraem
Mulher busca um homem de valor, porque ela sabe o seu valor. E essas mulheres entenderam a dinâmica natural do homem e da mulher.	A dinâmica das relações correspondem às diferenças naturais de gênero

Existem sim diferentes papéis entre mulheres e homens dentro de um relacionamento	Papeis de gênero no relacionamento
As mulheres querem homens mais masculinos e os homens querem mulheres mais femininas. São duas energias opostas mas complementares.	Homem e mulher são opostos complementares universais que se atraem
As mulheres querem homens mais masculinos e os homens querem mulheres mais femininas.	O desejo de homens e mulheres por seu oposto complementar é natural
Homem biologicamente é diferente de mulher.	Diferença biológica entre homem e mulher
Homem tem capacidades diferentes de mulher, a mulher tem capacidades diferentes de um homem.	Homens e mulheres têm capacidades distintas
A feminilidade está mudando a forma como as mulheres enxergam o mundo, elas estão percebendo que quanto mais femininas, mais vão atrair homens masculinos.	Mulheres femininas atraem homens masculinos
Você quer atrair um homem de verdade, um homem de valor, você precisa estar na sua essência feminina.	Diferenças de gênero são naturais e se complementam nas relações
Não ser feminina acabou estragando meu relacionamento.	O relacionamento depende dos papéis de gênero
Não ser feminina acabou estragando meu relacionamento.	Não ser feminina prejudica o relacionamento amoroso
Existem sim diferentes papéis entre mulheres e homens dentro de um relacionamento e é também por isso que muitas mulheres vivem relacionamentos infelizes.	O sucesso de uma relação depende do exercício dos papéis de gênero pré-estabelecidos
Existem sim diferentes papéis entre mulheres e homens dentro de um relacionamento e é também por isso que muitas mulheres vivem relacionamentos infelizes.	Mulheres vivem relacionamentos infelizes quando não há divisão de papéis de gênero

Quando você souber exatamente quais são os papéis de um homem e quais são os papéis da mulher dentro de um relacionamento as coisas vão fluir muito melhor.	Há papéis próprios para homens e mulheres numa relação conjugal
Quando você souber exatamente quais são os papéis de um homem e quais são os papéis da mulher dentro de um relacionamento as coisas vão fluir muito melhor.	O relacionamento não flui quando não há divisão de papéis de gênero
Curar a energia masculina pode levar os piores homens a te tratar como uma princesa.	O tratamento de um homem à uma mulher depende de sua feminilidade
Quando você é a mulher que quer ocupar os dois papéis você vai ficando cada vez mais pesada e o teu parceiro vai ficando cada vez mais murcho.	A mulher que transgride a feminilidade prejudica ela e o homem
Mulher que quer mandar mais pro homem não vai pra frente, a relação não funciona. Porque essa não é a natureza da mulher. E o homem frouxo não é a natureza dele também.	Ter mais poder é da natureza do homem
Mulher que quer mandar mais pro homem não vai pra frente, a relação não funciona.	O relacionamento não funciona quando a mulher exerce mais poder que o homem
Mulher que quer mandar mais pro homem não vai pra frente, a relação não funciona. Porque essa não é a natureza da mulher.	A dinâmica das relações correspondem às diferenças naturais de gênero
Desde a época da caverna os homens caçam comida para as mulheres, protegem as mulheres. Então hoje em dia as mulheres buscam homens que a protejam.	Naturalmente o homem protege e a mulher é protegida
O espermatozoide vai até o útero da mulher, é papel do homem conquistar.	O homem tem naturalmente um papel ativo
Você querer homens masculinos e não bonzinhos, não é tóxico é biologia.	A masculinidade é biológica

Você querer homens masculinos e não bonzinhos, não é tóxico é biologia.	O desejo da mulher por homens masculinos é biológico
Elas sabem que elas podem tudo, inclusive aumentar a masculinidade do seu homem.	Exercer feminilidade dá poder à mulher sobre a masculinidade do homem
A minha energia masculina acabou com um relacionamento meu.	Transgredir a feminilidade põe a relação em risco
Mulher que quer mandar mais no homem, o relacionamento não dá certo.	A autoridade é do homem
Quando você quer fazer tudo sozinha você acaba tirando a masculinidade do homem.	A masculinidade do homem depende da feminilidade da mulher
A mulher comanda sendo submissa e o homem obedece sendo comandante.	Submissão feminina e poder masculino
Escolhe a comida e deixa ele pedir para você, dá esse poder de masculinidade para ele, porque homem gosta disso, tá na essência do homem.	A mulher deve ceder autonomia ao homem
Com um homem corajoso, um homem de verdade do lado, você não vai precisar ocupar o lugar dele, e carregar o mundo nas costas.	A mulher precisa de um homem para não ter dificuldades
Quando você faz algum ato de serviço para ele que remeta ao cuidado, esse homem consequentemente vai querer cuidar mais de você.	O cuidado do homem é uma retribuição dos atos de serviço da mulher
Quando você quer fazer tudo sozinha você acaba tirando a masculinidade do homem (...) nem é culpa dele ele estar com uma energia masculina baixa, às vezes é porque você está com uma energia masculina muito alta.	A independência da mulher prejudica a masculinidade do homem
Nem é culpa dele ele estar com uma energia masculina baixa, às vezes é porque você está com uma energia masculina muito alta.	A baixa energia masculina do homem é culpa da alta energia masculina na mulher

Então uma mulher sábia, que sabe cuidar do seu homem, que sabe dar bons conselhos, que não quer mandar mais do que ele, vai com certeza ter um homem muito forte do lado.	Mulher que exerce a feminilidade fortalece o homem
Os homens respeitam muito mais a mulher quando ela tem uma imposição firme e forte, mas ela não deixa a feminilidade de lado.	O homem respeita mais a mulher à medida que ela for mais feminina
Os homens respeitam muito mais a mulher quando ela tem uma imposição firme e forte, mas ela não deixa a feminilidade de lado.	O homem respeita menos a mulher quando ela não é feminina
Uma mulher sábia, que sabe cuidar do seu marido ou do seu namorado, transforma esse homem num homem muito mais forte do que ele já é.	Mulher que exerce a feminilidade fortalece o homem
Uma mulher sábia ao lado de um homem forte, constrói famílias históricas.	Os papéis de gênero fortalecem a família
Energia feminina: energia universal, ying, presente em homens e mulheres, energia receptiva, intuitiva, compaixão, paciência. Diferente do yang: racional, dominante.	Feminino e Masculino correspondem às energias naturais, opostas e complementares ying e yang
Não adianta você exigir um homem de verdade se você não é uma mulher de verdade.	Há um jeito natural de ser homem e de ser mulher
A mulher naturalmente, biologicamente, é mais emocional que o homem. A mulher é muito mais introspectiva que o homem, ela sente mais as emoções, ela sente mais o corpo.	Mulheres são biologicamente mais sensíveis
A mulher naturalmente tem um instinto materno, de cuidar, de zelar.	A maternidade e o cuidado são da natureza da mulher
Nós mulheres, por natureza, somos mais frágeis. A gente liga para umas coisinhas que homens geralmente não se importam.	Mulheres são naturalmente mais frágeis que os homens

Quando existe algum termo falando, nossa, você dirige igual uma mulher, é porque mulher tem uma natureza mais delicada. A mulher é mais cuidadosa ao dirigir.	Mulheres exercem suas atividades de forma diferente dos homens por sua natureza
Quando a mulher feminina entende que não vale a pena bater de frente, tem controle emocional e sabe que no final vai conseguir o que quer.	Mulheres devem ceder e se controlar emocionalmente
Quando a mulher feminina entende que não vale a pena bater de frente, tem controle emocional e sabe que no final vai conseguir o que quer.	Não sendo feminina a mulher não consegue o que quer
Uma mulher feminina ela não fica reclamando, é uma mulher agradável de estar, é uma mulher com intelecto avançado, é uma mulher delicada e assim, acima de tudo uma mulher agradável de estar.	A mulher deve se conter e agradar
Uma mulher feminina sabe se comunicar de uma maneira correta, sem falar muito alto, falando de uma forma delicada, evitar falar palavrões, vícios de linguagem, gírias.	Há uma maneira correta para mulheres se comunicarem e se portarem
Mulheres de alto valor: sempre buscam mais conhecimentos; tem grandes habilidades de comunicação; tem postura, é educada, gentil e se preocupa com a sua imagem.	O valor da mulher está atrelado ao seu aprimoramento constante e sua correspondência a um modelo de comportamento
Mulher bonita sabe se portar de uma forma sensual mas sem ser vulgar, sem mostrar o corpo.	O corpo da mulher está associado a vulgaridade
Uma mulher feminina odeia viver num ambiente bagunçado.	A mulher feminina é organizada
Ser educada e ter bons modos nas redes sociais.	Mulheres devem ser ponderadas
Expressar os seus sentimentos de uma forma calma.	Mulheres devem se controlar emocionalmente
É uma mulher feliz, é uma mulher próspera, é uma mulher que vai sempre saber	A mulher deve ser agradável para os outros

conversar, vai sempre saber né se dar bem na sociedade.	
Esperam ser conquistadas.	Passividade feminina
Mulheres que se mostram demais atraem homens que só gostam disso.	Mostrar o corpo tem consequências
Mulher chama atenção por postura, educação e gentileza mais do que mostrando o corpo, é preciso se dar o valor.	Mulheres devem ter postura e não mostrar o corpo
Mulher chama atenção por postura, educação e gentileza mais do que mostrando o corpo, é preciso se dar o valor.	Mostrar o corpo desvaloriza a mulher
Mulheres elegantes são admiradas enquanto mulheres vulgares são desejadas.	Diferença de valor entre mulheres
Rotina feminina: Servir as pessoas que eu amo sem esperar nada em troca, momentos de descanso e pequenos prazeres, investir na minha beleza e no que me faz bem, cuidar da pele, corpo e mente.	A rotina feminina é servir aos outros e cultivar sua feminilidade
Mulheres que se vestem de uma forma vulgar elas não são admiradas, elas são desejadas.	As vestimentas da mulher determinam sua posição
Mulheres que se vestem de uma forma vulgar elas não são admiradas, elas são desejadas.	A mulher é desejada ou admirada
Mulheres que se vestem de uma forma vulgar elas não são admiradas, elas são desejadas.	As mulheres são avaliadas por suas vestimentas
A mulher tem o poder de comandar o relacionamento sendo feminina.	Exercer feminilidade confere poder
O homem deve prover uma segurança física, emocional e financeira para uma mulher, mas a mulher deve soltar o controle e deixar isso acontecer.	Papeis complementares de gênero

A mulher feminina, mesmo que ela possa fazer tudo sozinha, ela dá esse poder ao homem.	A mulher deve ceder poder ao homem
O papel da mulher nisso tudo é guiar o homem para que ele tenha a capacidade de trazer essa segurança física, emocional e financeira para você.	A feminilidade capacita a masculinidade
Mulheres femininas sabem que conquistar é o papel do homem.	O papel ativo nas relações é do homem
Vão liderar tudo o que elas quiserem, sendo femininas.	O poder da mulher depende do exercício dos papéis de gênero a ela designados
O papel da mulher é educar a próxima geração de homens. Fazer ele ser digno, soberano, fácil, homem, decente, inteligente, trabalhador.	O papel da mulher é educar a geração de homens
Mulheres têm uma responsabilidade muito grande na hora de orientar os namorados, maridos.	Mulheres orientam homens
Deve buscar um homem que te possibilite cuidar da casa quando você precisa, ter um trabalho leve e tranquilo, cuidar dos filhos quando você precisar.	Papeis de gênero na dinâmica relacional
Fazer o homem se sentir amado e acolhido a partir dos cuidados domésticos.	Trabalho doméstico como amor feminino
Mulher tem que ser interesseira e buscar um homem que te possibilite trabalhar com o que você quiser.	A ocupação da mulher depende de um homem provedor
Energia masculina, energia universal, yang: racional, dominante, liderança, explosiva.	Masculinidade como energia ativa universal e natural
Homem é mais racional, então se ela tiver mais apaixonada ele vai ficar acomodado	Naturalização da masculinidade e economia de afetos
Você querer homens masculinos e não bonzinhos, não é tóxico é biologia.	Querer homens masculinos é biológico

O homem biologicamente é mais forte, fisicamente, que uma mulher.	Naturalização da masculinidade
O homem é mais grosso, as mulheres acabam ficando mais chateadas... muitas vezes somos nós que causamos isso.	Responsabilização feminina e naturalização da masculinidade
O homem que por natureza, o homem já é mais relaxado com as coisas, ele pode até sentir um amor por ela, mas quando ele ama menos, ele acaba fazendo muito menos por essa mulher.	Naturalização da masculinidade e economia de afetos
O homem provedor ele já tem a essência de querer prover, de querer proteger essa mulher, na qual é o papel do homem, proteger e cuidar.	Naturalização dos papéis masculinos de gênero nas relações
Um cara provedor provém coisas boas, que te dá segurança, que te protege, principalmente que te respeita.	É papel do homem prover a mulher
O homem deve prover segurança física, emocional e financeira para uma mulher.	É papel do homem dar segurança à mulher

Não hesite em falar amor faz isso para mim porque você é mais forte do que eu homem gosta de cuidar da mulher.	A mulher faz o homem se sentir mais forte fisicamente
Conquistar é papel do homem, o espermatozóide vai até o útero da mulher, é papel dele desde lá.	Conquistar é naturalmente papel do homem
Homem gosta da coisa mais difícil, o que o homem vai ter pra fazer se ela já tiver apaixonada?	Homem gosta de mulher difícil
O homem deve ou não pagar a conta? Óbvio que sim.	Pagar conta é papel do homem
O homem tem que tomar iniciativa de pedir em namoro, não acomode seu homem para ele não virar um princesinho.	É papel do homem pedir em namoro

Como deixar uma mulher com borboletas no estômago (...) um homem cavalheiro vai buscar essa mulher em casa.	Mulher gosta de homens que performam masculinidade
Um homem cavalheiro vai buscar essa mulher em casa.	É papel do homem buscar a mulher em casa
O homem precisa gostar mais da mulher do que a mulher do homem, porque ela é naturalmente mais emocional e ele naturalmente mais relaxado.	A diferença natural entre homem e mulher é equilibrada através de papéis de gênero
Frases que aumentam a energia masculina no homem: “você pode abrir esse pote? você é mais forte; você leva essa minha mala? é muito pesada”.	A mulher performa fragilidade para que o homem possa performar força
Frases que aumentam a energia masculina no homem: “eu escolhi meu prato, você pode chamar o garçom e fazer o pedido?”.	A energia feminina na mulher aumenta a energia masculina no homem
A mulher não quer mais aquele cara legalzinho, fofinho, toda hora. A mulher quer aquele cara que ele nem fala muito, ele só faz.	Mulheres se interessam por homens masculinos
Eles têm que ter essa liberdade, sabe? Eles gostam disso, eles se incomodam quando a mulher prende muito.	Homens precisam de liberdade
O espírito santo mudou em mim: desejo de me tornar mãe e constituir uma família, querer estar mais próxima de Deus, querer ser mais feminina delicada e elegante, valorizar minha família e ter claro meus valores e princípios.	A maternidade, a família e a feminilidade são valores divinos
Antes de se apaixonar é preciso ver se o cara “é de família”, uma família boa e tem valores, pois ele vai se espelhar nessa família.	A mulher deve escolher um homem de família

E um dos meus valores é encontrar um homem provedor, protetor, que traz segurança para mulher.	A mulher deve escolher um homem provedor
O homem precisa ser admirado pela mulher que ele está junto, se ele não for admirado por você ele vai se tornar um homem fraco.	A força do homem depende da mulher
A mulher tem o poder de alavancar um homem, assim como ela tem o poder de destruí-lo também.	O homem é responsabilidade da mulher
Ao lado de um grande homem sempre tem uma grande mulher? Então, essa é a mais pura verdade.	A mulher guia o homem
Tudo nessa vida tem papéis. Dentro de um trabalho, você tem o seu papel, as pessoas têm os papéis delas. Dentro da sua casa, da sua família também é assim. E dentro de um relacionamento não seria diferente.	As instituições são sustentadas pelos papéis de gênero
As mulheres que pregam exageradamente o feminismo, elas se tornaram inimigas das mulheres que querem ter uma família.	O feminismo é inimigo da família
Ah porque direitos iguais, tudo que uma mulher faz um homem tem que fazer também, tudo que um homem faz a mulher pode fazer também, e é isso que ta estragando tudo nessa geração.	Os direitos iguais estão estragando a geração
Muitas mulheres feministas nunca quiseram ser iguais aos homens, e sim superiores a eles.	O feminismo quer a superioridade das mulheres
Até porque o feminismo está destruindo a família tradicional. E as mulheres que têm esse desejo de ter uma família, de encontrar um parceiro de vida, estão entendendo e querendo buscar cada vez mais sobre feminilidade.	O feminismo está destruindo a família e por isso as mulheres estão recorrendo à feminilidade
Minha mãe não era feminista. Ela era feminina.	Ser feminista é diferente de ser feminina

<p>Então se você quer ser valorizada você precisa se dar o valor, então é óbvio que é seu corpo e suas regras, mas saiba as consequências disso.</p>	<p>O valor da mulher é associado ao seu corpo</p>
<p>A liberdade é belo, justo e moral, a libertinagem não, e é isso que muitas mulheres progressistas ao longo do tempo foi pregando na cabeça das mulheres (...).</p>	<p>Mulheres progressistas pregam a libertinagem</p>
<p>A liberdade é belo, justo e moral, a libertinagem não, e é isso que muitas mulheres progressistas ao longo do tempo foi pregando na cabeça das mulheres (...).</p>	<p>O que mulheres progressistas pregam não é belo, justo ou moral</p>
<p>Como aquela frase, meu corpo, minhas regras. E com isso, ela acaba denigrindo a imagem dela.</p>	<p>A liberdade corporal prejudica a imagem da mulher</p>
<p>Sabe por que existe tanta rivalidade feminina no mundo? Por causa da insegurança e são essas que fazem toda essa militância, né? Que são as mais inseguras.</p>	<p>Feministas são inseguras e produzem rivalidade feminina</p>
<p>Se eu fosse Satanás e quisesse prejudicar a vida de uma mulher que busca ser uma mulher de valor eu a faria se comparar constantemente com os homens, afastando-a a afasta de sua essência feminina; a levaria a relacionamentos tóxicos; a empurraria para longe de sua fé e espiritualidade; a incentivaria a usar sua sexualidade de maneira autodestrutiva, tornando-a objeto aos olhos dos outros e dela mesma.</p>	<p>Mulheres que se afastam dos valores da feminilidade estão sendo prejudicadas pelo Satanás</p>
<p>Se eu fosse Satanás e quisesse prejudicar a vida de uma mulher que busca ser uma mulher de valor eu a faria se comparar constantemente com os homens, afastando-a a afasta de sua essência feminina.</p>	<p>Mulheres que se compararam com homens estão sendo prejudicadas por Satanás</p>
<p>Se eu fosse Satanás e quisesse prejudicar a vida de uma mulher que busca ser uma mulher de valor eu a faria se comparar</p>	<p>O afastamento da feminilidade, a vivência de relacionamentos tóxicos, o distanciamento da fé e espiritualidade e a objetificação da mulher são aspectos</p>

<p>constantemente com os homens, afastando-a a afasta de sua essência feminina; a levaria a relacionamentos tóxicos; a empurraria para longe de sua fé e espiritualidade; a incentivaria a usar sua sexualidade de maneira autodestrutiva, tornando-a objeto aos olhos dos outros e dela mesma.</p>	<p>mutuamente associados</p>
<p>Antigamente os homens iam para guerra, morriam pelas mulheres e davam carta e flores para conquistar mulheres. Hoje eles curtem os seus stories e acham que tão fazendo muito.</p>	<p>Os homens faziam mais pelas mulheres no passado</p>
<p>Antigamente os homens iam pra guerra, hoje em dia eles querem dividir conta, pintar unha e lacrar na internet.</p>	<p>As mudanças nos papéis de gênero estão prejudicando a masculinidade</p>
<p>Os homens antigamente eram muito mais cavalheiros, Eles (homens) tinham o compromisso de prover pra mulher, eram homens de verdade.</p>	<p>Homens de verdade são aos moldes de antigamente</p>
<p>E a Branca de Neve é uma princesa doce, encantadora. Vai precisar ser forte, guerreira, não quer nem ouvir falar de homem. É uma pena que isso está acontecendo. Infelizmente as crianças de hoje em dia nunca vão saber a história verdadeira das princesas da Disney.</p>	<p>As mudanças nas representações de mulheres na cultura são negativas</p>
<p>Os filmes que estão sendo lançados agora estão seguindo uma coisa chamada agenda woke, refere a aplicações de narrativas progressistas como oportunidade de domesticar a rebeldia e vender mais produtos: ideologia de gênero, LGBT, feminismo. Acordam a vida.</p>	<p>As lutas sociais são narrativas da agenda woke para vender e domesticar a rebeldia</p>
<p>A militância e inclusão está acabando com a Vitória Secrets. Existem tantas marcas que têm representatividade. Parece que agora tudo virou uma obrigação.</p>	<p>A militância e inclusão está tornando tudo uma obrigação</p>

<p>Coisas que fazem um homem ficar obcecado por uma mulher: ser uma mulher interessante, sabe conversar sobre um pouco de tudo; nos primeiros encontros escuta mais e fala menos; mistério, imprevisibilidade</p>	<p>Como conquistar um homem</p>
<p>Quando o homem vai fazer uma gentileza para você e você fala que não precisa da sua ajuda, você está tirando toda masculinidade do homem.</p>	<p>A autonomia da mulher prejudica a masculinidade do homem</p>
<p>No primeiro encontro: cheirosa mas sem banho de perfume; sexy sem ser vulgar; delicada e elegante; se interessar pela conversa dele; dar um ar de mistério; dar um gostinho de quero mais.</p>	<p>Como a mulher deve agir no primeiro encontro</p>
<p>Coisas que você não deve fazer no primeiro encontro: mandar mensagem, Dar, a não ser que você não queira nada, deixar o assunto morrer.</p>	<p>Como a mulher não deve agir no primeiro encontro</p>
<p>Eu sei que você sabe fazer tudo isso sozinha, o ponto aqui é você realmente aumentar o ego do seu namorado, marido, ficante, pra que ele se sinta mais homem do seu lado.</p>	<p>Mulher cede autonomia para o homem se sentir mais homem</p>
<p>3 coisas que seu namorado vai amar que você faça: fazer jantar surpresa, surpreender na hora H, dar vale night, o homem precisa disso, ele precisa ter o espaço, a liberdade dele.</p>	<p>Como agradar o namorado</p>
<p>Qual homem você quer? Depois você se pergunta o que esse homem busca, e aí você cultiva isso em você.</p>	<p>A mulher deve se tornar o que o homem espera dela</p>
<p>Como deixar uma mulher com borboletas no estômago: buscar essa mulher em casa, ande com as mãos nas costas dela, mostrar que</p>	<p>O homem conquista a mulher sendo masculino</p>

está guiando essa mulher, mostrar segurança.	
Frases que aumentam a energia feminina da mulher: valorizo sua maneira de me ouvir e de me oferecer conselhos; esse jantar estava maravilhoso, eu me senti muito amado com isso; Você tem um jeito incrível de transformar nossa casa em um lar; Eu adoro quando você dança, pinta, se cuida, isso faz você externalizar uma energia feminina que te deixa tão mais bonita.	O homem aumenta a energia feminina da mulher elogiando sua performance de feminilidade
Vibe de feia: fingir estar bêbada e querer chamar atenção; menina que quer militar em cima de tudo; fala muita gíria e palavrão; falta de educação.	Mulheres que não correspondem à feminilidade
Vibe de feia: fingir estar bêbada e querer chamar atenção; menina que quer militar em cima de tudo; fala muita gíria e palavrão; falta de educação.	A militância torna uma mulher feia
Quando essas mulheres optam pela carreira corporativa, subindo de cargo, chega num momento em que elas precisam conviver somente com homens e elas acabam perdendo a feminilidade, porque na cabeça delas elas precisam agir iguais aos homens que ela está lidando ali.	Mulheres em carreira corporativa perdem a feminilidade
Os homens, eles respeitam muito mais a mulher quando ela tem uma imposição firme e forte, mas ela não deixa a feminilidade de lado.	Os homens respeitam mais mulheres femininas

Quadro auxiliar 2

Homens e mulheres têm capacidades distintas	Naturalização/Biologização do binarismo de gênero
Diferença biológica entre homem e mulher	
A diferença natural entre homem e mulher é equilibrada através de papéis de gênero	
Feminino e masculino correspondem às energias naturais, opostas e complementares ying e yang	
Ter mais poder é da natureza do homem	
Naturalmente o homem protege e a mulher é protegida	
O homem tem naturalmente um papel ativo	
A masculinidade é biológica	
A autoridade é do homem	

O papel ativo nas relações é do homem	
É papel do homem buscar a mulher em casa	
Submissão feminina e poder masculino	
Masculinidade como energia ativa universal e natural	
Naturalização da masculinidade	
Há um jeito natural de ser homem e de ser mulher	
É papel do homem prover a mulher	
É papel do homem dar segurança à mulher	
Conquistar é naturalmente papel do homem	
Homem gosta de mulher difícil	
Pagar conta é papel do homem	
É papel do homem pedir em namoro	
Homens precisam de liberdade	
O homem aumenta a energia feminina da mulher elogiando sua performance de feminilidade	
Homens são naturalmente racionais	
Mulheres são biologicamente mais sensíveis	
A maternidade e o cuidado são da natureza da mulher	
Mulheres são naturalmente mais frágeis que os homens	
Mulheres exercem suas atividades de forma diferente dos homens por sua natureza	
A mulher feminina é organizada	
Passividade feminina	
A rotina feminina é servir aos outros e cultivar sua feminilidade	
Masculino e feminino são opostos	Binarismo de gênero e constituição

complementares que se atraem	familiar heterosexual
A dinâmica das relações correspondem às diferenças naturais de gênero	
Homem e mulher são opostos complementares universais que se atraem	
Papéis de gênero no relacionamento	
O desejo de homens e mulheres por seu oposto complementar é natural	
Mulheres femininas atraem homens masculinos	
O relacionamento depende dos papéis de gênero	
O sucesso de uma relação depende do exercício dos papéis de gênero pré-estabelecidos	
Há papéis próprios para homens e mulheres numa relação conjugal	
A dinâmica das relações correspondem às diferenças naturais de gênero	
O desejo da mulher por homens masculinos é biológico	
Os papéis de gênero fortalecem a família	
Papeis de gênero na dinâmica relacional	
Mulheres se interessam por homens masculinos	
Naturalização da masculinidade e economia de afetos	
Querer homens masculinos é biológico	
Mulher gosta de homens que performam masculinidade	
As instituições são sustentadas pelos papéis de gênero	
O homem conquista a mulher sendo masculino	

A mulher precisa de um homem para não ter dificuldades	
Trabalho doméstico como amor feminino	
O cuidado do homem é uma retribuição dos atos de serviço da mulher	
A maternidade, a família e a feminilidade são valores divinos	
A mulher deve escolher um homem de família	
A ocupação da mulher depende de um homem provedor	
As instituições são sustentadas pelos papéis de gênero	
Os papéis de gênero fortalecem a família	
Naturalização dos papéis masculinos de gênero nas relações	
A mulher que transgride a feminilidade prejudica ela e o homem	Feminilidade como condição de possibilidade da masculinidade
Exercer feminilidade dá poder à mulher sobre a masculinidade do homem	
As mudanças nos papéis de gênero estão prejudicando a masculinidade	
Transgredir a feminilidade põe a relação em risco	
A baixa energia masculina do homem é culpa da alta energia masculina na mulher	
A masculinidade do homem depende da feminilidade da mulher	
A mulher deve ceder autonomia ao homem	
A mulher performa fragilidade para que o homem possa performar força	
A independência da mulher prejudica a masculinidade do homem	
Mulher que exerce a feminilidade fortalece o homem	

A mulher deve ceder poder ao homem	
A feminilidade capacita a masculinidade	
Mulheres orientam homens	
O papel da mulher é educar a geração de homens	
Responsabilização feminina e naturalização da masculinidade	
A energia feminina na mulher aumenta a energia masculina no homem	
A força do homem depende da mulher	
A mulher faz o homem se sentir mais forte fisicamente	
O homem é responsabilidade da mulher	
A mulher guia o homem	
A autonomia da mulher prejudica a masculinidade do homem	
Mulher cede autonomia para o homem se sentir mais homem	
Há uma maneira correta para mulheres se comunicarem e se portarem	Controle do corpo a partir de práticas de assujeitamento
Mulheres devem ceder e se controlar emocionalmente	
O valor da mulher está atrelado ao seu aprimoramento constante e sua correspondência a um modelo de comportamento	
A mulher deve se conter e agradar	
A mulher deve escolher um homem de família	
A mulher deve escolher um homem provedor	
O homem respeita mais a mulher à medida que ela for mais feminina	
O tratamento de um homem à uma mulher	

depende de sua feminilidade	
O corpo da mulher está associado a vulgaridade e deve ser regrado	
Mulheres devem ser ponderadas	
Mulheres devem se controlar emocionalmente	
A mulher deve ser agradável para os outros	
Mostrar o corpo tem consequências	
Mulheres devem buscar atenção de uma determinada maneira	
Mulheres devem ter postura e não mostrar o corpo	
Diferença de valor entre mulheres	
As vestimentas da mulher determinam sua posição	
O valor da mulher é associado ao seu corpo	
A liberdade corporal prejudica a imagem da mulher	
Como a mulher deve agir no primeiro encontro	
Exercer feminilidade confere poder	
Como a mulher não deve agir no primeiro encontro	
Como agradar o namorado	
Como conquistar um homem	
A mulher deve se tornar o que o homem espera dela	
Mulheres que não correspondem à feminilidade	
A mulher é desejada ou admirada	
O poder da mulher depende do exercício dos papéis de gênero a ela designados	

Mulheres em carreira corporativa perdem a feminilidade	A mulher, o feminino e o feminismo
Os homens respeitam mais mulheres femininas	
O feminismo é inimigo da família	
Os direitos iguais estão estragando a geração	
O feminismo quer a superioridade das mulheres	
O feminismo está destruindo a família e por isso as mulheres estão recorrendo à feminilidade	
Ser feminista é diferente de ser feminina	
Mulheres progressistas pregam a libertinagem	
A militância torna uma mulher feia	
Feministas são inseguras e produzem rivalidade feminina	
Mulheres que se afastam dos valores da feminilidade estão sendo prejudicadas pelo Satanás	
Os homens faziam mais pelas mulheres no passado	
Homens de verdade são aos moldes de antigamente	
As mudanças nas representações de mulheres na cultura são negativas	
As lutas sociais são narrativas da agenda woke para vender e domesticar a rebeldia	
O que mulheres progressistas pregam não é belo, justo ou moral	
Mulheres que se comparam com homens estão sendo prejudicadas por Satanás	
O afastamento da feminilidade, a vivência de relacionamentos tóxicos, o distanciamento da fé e espiritualidade e a	

objetificação da mulher são aspectos mutuamente associados.	
A militância e inclusão está tornando tudo uma obrigação	